
LUCIFER

Uma revista teosófica,

PROJETADO PARA “TRAZER À LUZ AS COISAS OCULTAS DAS TREVAS”.

EDITADO POR

HP BLAVATSKY E MABEL COLLINS.

O PORTADOR DA LUZ É A ESTRELA DA MANHÃ OU LÚCIFER, E “LÚCIFER NÃO É UM TÍTULO PROFANO OU SATÂNICO. É O LATINO LUCIFERUS. O PORTADOR DA LUZ, A ESTRELA DA MANHÃ, EQUIVALENTE AO GREGO φωσφορος ... O NOME DO PURO E PÁLIDO ARAUTO DA LUZ DO DIA.”— Yonue.

VOLUME I.

SETEMBRO DE 1887-FEVEREIRO DE 1888.

Londres :

GEORGE REDWAY, RUA YORK, COVENT GARDEN.

Tradução Portuguesa
Elizeu A. Souza

KELLY & CO., IMPRESSORAS
1 e 3, GATE STREET, LINCOLNS INN FIELDS, LONDRES, WC
E MIDDLE MILL, KINGSTON-ON-THAMES.

Projeto Gutemberg

ISBN: 978-65-981506-9-3

25/10/2024

CONTEÚDO.

Sumário

LUCIFER	1
HP BLAVATSKY E MABEL COLLINS	1
LÚCIFER	5
O QUE HÁ EM UM NOME?	6
COMENTÁRIOS SOBRE “LUZ NO CAMINHO”	11
A HISTÓRIA DE UM PLANETA	16
A FLOR E O FRUTO :	21
UMA LEI DA VIDA: CARMA	32
O MISTÉRIO DE TODOS OS TEMPOS	37
AS QUATRO NOBRES VERDADES DO BUDISMO	40
O NASCIMENTO DA LUZ	43
UM VERDADEIRO TEOSÓFICO	45
A VINGANÇA DE UM FANTASMA	51
“O ÚLTIMO ROMANCE DA CIÊNCIA”, resumido por um francês	59
LÚCIFER	73
A SENHORA DA LUZ	74
OS SINAIS DOS TEMPOS	75
AUTOCONHECIMENTO	80
COMENTÁRIOS SOBRE “LUZ NO CAMINHO”	81
VONTADE E DESEJO	86
UMA LEI DA VIDA: CARMA	87
A VINGANÇA DE UM FANTASMA	91
A ORIGEM DO MAL	96
O GRANDE PARADOXO	104
A FLOR E O FRUTO :	107
DESEJO Purificado	115
PENSAMENTOS SOBRE TEOSOFIA	116
Correspondência	117
Avaliações	122
LÚCIFER	141
A DEMANDA DO NEÓFITO	148
O CARÁTER ESOTÉRICO DOS EVANGELHOS	151
O “QUADRADO” NA MÃO	156
LIBERDADE	159
O MUNDO INVISÍVEL	160
O PENSAMENTO MÍSTICO	165
A FLOR E O FRUTO :	166
CAPÍTULO V	167
CAPÍTULO VI	171
A CIÊNCIA DA VIDA	175

PECADO CONTRA A VIDA.....	181
FRATERNIDADE.....	182
SENTENÇAS PITAGÓRICAS DE DEMOPHILUS.....	185
ALIANÇA DE SANGUE. ^[52]	186
Correspondência.....	193
Avaliações.....	197
LÚCIFER.....	209
“LUCIFER” AO ARCEBISPO DE CANTERBURY, SAUDAÇÕES!.....	210
“EMERSON E OCULTISMO.”.....	218
A FLOR E O FRUTO :.....	223
CREPÚSCULO.....	229
O ESPÍRITO DA CURA.....	230
CONVENÇÃO DA SOCIEDADE TEOSÓFICA DE 1887.....	235
UMA VÉSPERA DE NATAL MARAVILHOSA.....	236
UM MEIO CONVERTIDO.....	242
TEOSOFIA E SOCIALISMO MODERNO.....	243
A GRANDE BUSCA.....	248
UMA INTERPRETAÇÃO DA VISÃO, POR SERJEANT.....	253
UM GÊNIO INFANTIL.....	255
TEMER.....	257
O CARÁTER ESOTÉRICO DOS EVANGELHOS.....	258
SEMELHANÇAS A DEMOPHILUS.....	266
FRASE DE OURO DE DEMÓCRITO.....	267
Correspondência.....	268
LÚCIFER.....	301
À ESTRELA DA MANHÃ.....	303
“AOS LEITORES DE ‘LUCIFER!’”.....	304
ADAPTAÇÕES.....	307
ALGUMAS PALAVRAS SOBRE A VIDA DIÁRIA.....	308
A FLOR E O FRUTO :.....	311
ESPECULAÇÃO.....	323
REVOLUÇÃO.....	324
VISÕES DO CREPÚSCULO.....	325
ESOTERISMO DO DOGMA CRISTÃO.....	329
A GRANDE BUSCA.....	334
A ISOLAMENTO DO ADEPTO.....	337
O MONGE BRANCO.....	341
AMOR COM UM OBJETO.....	346
AUTODOMÍNIO.....	349
Avaliações.....	350
O CRIADOR E O QUE PODEMOS SABER SOBRE O MÉTODO DECRIAÇÃO. ^[130]	358
NOTAS DOS EDITORES.....	365
Correspondência.....	366

SOCIALISMO E TEOSOFIA.....	370
INTERESSANTE PARA ASTRÓLOGOS.NOTAS ASTROLÓGICAS—Nº 3.....	376
LÚCIFER.....	379
“O QUE É A VERDADE?”.....	380
A FILHA DO SOLDADO.....	387
LUNIOLATRIA.....	391
A FLOR E O FRUTO :.....	394
CAPÍTULO XIII.....	399
CAPÍTULO XIV.....	403
CAPÍTULO XV.....	406
VISÕES DO CREPÚSCULO.....	408
FRASE DE OURO DE DEMÓCRITO.....	424
A RELAÇÃO DA COR COM OS TRIÂNGULOS ENTRELAÇADOS.....	425
QUESTÕES.....	428
UMA TEORIA DAS ASSOMBRAÇÕES.....	429
O CARÁTER ESOTÉRICO DOS EVANGELHOS.....	432
Avaliações.....	438
VÉSPERA DE ANO NOVO.....	442
Correspondência.....	443
CORRESPONDÊNCIA.....	448
INTERESSANTE PARA ASTRÓLOGOS.....	454

LÚCIFER

VoL. I. LONDRES, 15 DE SETEMBRO DE 1887. No. 1.

O QUE HÁ EM UM NOME? POR QUE A REVISTA SE CHAMA “LUCIFER”.

O que há em um nome? Muitas vezes, há mais nele do que o profano está preparado para entender, ou o místico erudito para explicar. É uma influência invisível, secreta, mas muito potencial que todo nome carrega consigo e “deixa para onde quer que vá”. Carlyle pensava que “há muito, não, quase tudo, em nomes”. “Se eu pudesse desdobrar a influência dos nomes, que são as mais importantes de todas as vestimentas, eu seria um segundo grande Trismegisto”, ele escreve.

O nome ou título de uma revista iniciada com um objetivo definido é, portanto, muito importante; pois é, de fato, a semente invisível, que crescerá “para ser uma árvore que cobre tudo”, dos frutos dos quais deve depender a natureza dos resultados trazidos pelo dito objetivo, ou a árvore murchará e morrerá. Essas considerações mostram que o nome da presente revista — um tanto ambíguo para os ouvidos cristãos ortodoxos — não se deve a nenhuma seleção descuidada, mas surgiu em consequência de muita reflexão sobre sua adequação, e foi adotado como o melhor símbolo para expressar esse objetivo e os resultados em vista.

Agora, o primeiro e mais importante, se não o único objetivo da revista, é expresso na linha da 1ª Epístola aos Coríntios, em sua página de título. É trazer luz às “coisas ocultas das trevas” (iv. 5); mostrar em seu verdadeiro aspecto e seu significado real original coisas e nomes, homens e seus feitos e costumes; é finalmente combater o preconceito, a hipocrisia e as fraudes em todas as nações, em todas as classes da sociedade, como em todos os departamentos da vida. A tarefa é trabalhosa, mas não é impraticável nem inútil, mesmo como um experimento.

Assim, para uma tentativa dessa natureza, nenhum título melhor poderia ser encontrado do que o escolhido. “Lúcifer” é a pálida estrela da manhã, a precursora do brilho total do meio-dia — o “Eosphoros” dos gregos. Ele brilha timidamente ao amanhecer para reunir forças e deslumbrar os olhos após o pôr do sol como seu próprio irmão 'Hesperos' — a radiante estrela da tarde, ou o planeta Vênus. Não existe símbolo mais adequado para o trabalho proposto — o de lançar um raio de verdade sobre tudo o que está oculto pela escuridão do preconceito, por concepções sociais ou religiosas errôneas; especialmente por aquela rotina idiota da vida, que, uma vez que uma certa ação, uma coisa, um nome, foi marcado por invenções caluniosas, por mais injustas que sejam, faz com que pessoas *respeitáveis*, assim chamadas, se afastem tremendo, recusando-se até mesmo a olhar para isso de qualquer outro aspecto que não aquele sancionado pela opinião pública. Tal esforço, então, para forçar os fracos de coração a olhar a verdade diretamente na cara, é ajudado mais eficazmente por um título pertencente à categoria de nomes de marca.

Leitores piedosos podem argumentar que “Lúcifer” é aceito por todas as igrejas como um dos muitos nomes do Diabo. De acordo com a ficção soberba de Milton, Lúcifer é *Satanás*, o anjo “rebelde”, o inimigo de Deus e do homem. Se alguém analisar sua rebelião, no entanto, não será encontrado nada pior do que uma afirmação de livre-arbítrio e pensamento independente, como se Lúcifer tivesse nascido no século XIX. Este epíteto de “rebelde” é uma calúnia teológica, a par daquela outra calúnia de Deus pelos predestinadores, que faz da divindade um demônio “Todo-Poderoso” pior do que o próprio Espírito “rebelde”; “um Diabo onipotente desejando ser 'elogiado' como todo misericordioso quando ele está exercendo a mais diabólica crueldade”, como colocado por J. Cotter Morison. Tanto o demônio predestinador quanto o predestinador-Deus, e seu agente subordinado são de invenção humana; eles são dois dos dogmas teológicos mais moralmente repulsivos e horríveis que os pesadelos dos monges que odeiam a luz já desenvolveram a partir de suas fantasias impuras.

Eles datam da Idade Média, o período de obscurecimento mental, durante o qual a maioria dos preconceitos e superstições atuais foram inoculados à força na mente humana,

de modo que se tornaram quase inerradicáveis em alguns casos, um dos quais é o preconceito atual agora em discussão.

Tão profundamente enraizada, de fato, está essa concepção preconcebida e aversão ao nome de Lúcifer — que não significa nada pior do que “portador da luz” (de *lux*, *lucis*, “luz” e *ferre* “trazer”)^[1] — mesmo entre as classes educadas, que ao adotá-lo como título desua revista, os editores têm a perspectiva de uma longa luta com o preconceito público diante deles. Tão absurdo e ridículo é esse preconceito, de fato, que ninguém parece ter se perguntado como Satanás foi chamado de *portador da luz*, a menos que os raios prateados da estrela da manhã possam de alguma forma ser sugeridos pelo brilho das chamas infernais. É simplesmente, como Henderson mostrou, “uma daquelas perversões grosseiras da escritura sagrada que tão amplamente prevalecem e que devem ser atribuídas a uma propensão a buscar mais em uma passagem dada do que ela realmente contém — uma disposição para ser influenciado pelo som em vez do sentido, e uma fê implícita na interpretação recebida” — o que não é bem uma das fraquezas da nossa era atual. No entanto, o preconceito está lá, para a vergonha do nosso século.

Isso não pode ser evitado. Os dois editores se considerariam recreantes aos seus próprios olhos, como traidores do próprio espírito da obra proposta, se cedessem e gritassem covardes diante do perigo. Se alguém lutasse contra o preconceito e tirasse as teias de aranha feias da superstição e do materialismo dos ideais mais nobres de nossos antepassados, teria que se preparar para a oposição. “A coroa do reformador e do inovador é uma coroa de espinhos”, de fato. Se alguém resgatasse a Verdade em toda a sua nudez castado poço quase sem fundo, no qual ela foi lançada pela hipocrisia e pela propriedadehipócrita, não hesitaria em descer ao poço escuro e escancarado daquele poço. Não importa o quão mal os morcegos cegos — os moradores da escuridão e os que odeiam a luz — possam tratar o intruso em sua morada sombria, a menos que ele seja o primeiro a mostrar o espírito e a coragem que prega aos outros, ele deve ser justamente considerado um hipócrita e um dissidente de seus próprios princípios.

Mal o título foi acordado, quando as primeiras premonições do que nos aguardava, na questão da oposição a ser encontrada devido ao título escolhido, apareceram em nosso horizonte. Um dos editores recebeu e registrou algumas objeções picantes. As cenas que se seguem são esboços da natureza.

I.

Um Novelista Bem Conhecido. Conte-me sobre sua nova revista. A qual classe você propõe apelar?

Editor. Nenhuma classe em particular: pretendemos apelar ao público.

Novelista. Estou muito feliz com isso. Por uma vez serei um do público, pois não entendo o seu assunto nem um pouco, e eu quero. Mas você deve se lembrar de que, se o seu público deve entendê-lo, ele deve ser necessariamente muito pequeno. As pessoas falam sobre ocultismo hoje em dia como falam sobre muitas outras coisas, sem a menor ideia do que isso significa. Somos tão ignorantes e — tão preconceituosos.

Editor. Exatamente. É isso que chama a nova revista à existência. Propomos educar você, e rasgar a máscara de todo preconceito.

Novelista. Isso realmente é uma boa notícia para mim, pois quero ser educado. Como sua revista deve ser chamada?

Editor. Lúcifer.

Novelista. O quê! Você vai nos educar em vício? Sabemos o suficiente sobre isso. Anjos caídos são abundantes. Você pode encontrar popularidade, pois pombas sujas estão na moda agora, enquanto os anjos de asas brancas são votados como chatos, porque não são tão divertidos. Mas duvido que você seja capaz de nos ensinar muito.

II.

Um Homem do Mundo (em um tom cauteloso, pois a cena é um jantar). Ouvi dizer que você vai começar uma revista, toda sobre ocultismo. Sabe, estou muito feliz. Não falo nada sobre esses assuntos como regra, mas algumas coisas estranhas aconteceram na minha vida que não podem ser explicadas de nenhuma maneira comum. Espero que você entre em busca de explicações.

Editor. Tentaremos, certamente. Minha impressão é que, quando o ocultismo é apreendido em qualquer medida, suas leis são aceitas por todos como a única explicação inteligível da vida.

A MW Só por isso, eu quero saber tudo sobre isso, pela minha honra, a vida é um mistério. Há muitas outras pessoas tão curiosas quanto eu. Esta é uma era que é afligida pela doença ianque de

"querer saber". Eu vou conseguir muitos assinantes para você. Como se chama a revista?

Editor. Lúcifer — e (*avisado por experiência anterior*) não entenda mal o nome. É típico do espírito divino que se sacrificou pela humanidade — foi obra de Milton que ele se tornou associado ao diabo. Somos inimigos jurados dos preconceitos populares, e é bastante apropriado que ataquemos um preconceito como este — Lúcifer, você sabe, é a Estrela da Manhã — o Portador da Luz,...

A MW (interrompendo). Ah, eu sei de tudo isso — pelo menos não sei, mas presumo que você tenha algum bom motivo para escolher tal título. Mas seu primeiro objetivo é ter leitores; você quer que o público compre sua revista, suponho. Isso está no programa, não está?

Editor. Definitivamente.

A MW Bem, ouça o conselho de um homem que conhece o caminho da cidade. Não marque sua revista com a cor errada no começo. É bem evidente, quando alguém fica um instante pensando em sua derivação e significado, que Lúcifer é uma palavra excelente. Mas o público não fica pensando em derivações e significados; e a primeira impressão é a mais importante. Ninguém comprará a revista se você a chamar de Lúcifer.

III.

Uma Dama Elegante Interessada em Ocultismo. Quero ouvir mais sobre a nova revista, pois interessei muitas pessoas nela, mesmo com o pouco que você me contou. Mas acho difícil expressar seu real propósito. Qual é?

Editor. Para tentar dar um pouco de luz para aqueles que querem.

A FL Bem, essa é uma maneira simples de colocar, e será muito útil para mim. Qual será o nome da revista?

Editor. Lúcifer.

A FL (Depois de uma pausa) Você não pode estar falando sério.

Editor. Por que não?

A FL As associações são tão terríveis! Qual pode ser o objetivo de chamá-lo assim? Parece algum tipo de piada infeliz, feita contra ele por seus inimigos.

Editor. Ah, mas Lúcifer, você sabe, significa Portador da Luz; é típico do Espírito Divino——

A FL Não importa tudo isso — quero fazer bem à sua revista e torná-la conhecida, e você não pode esperar que eu entre em explicações desse tipo toda vez que menciono o título? Impossível! A vida é muito curta e muito ocupada. Além disso, produziria um efeito tão ruim; as pessoas me achariam pedante, e então eu não conseguiria falar nada, pois não suportaria que pensassem assim. Não o chame de Lúcifer — por favor, não o faça. Ninguém sabe do que a palavra é típica; o que significa agora é o diabo, nada mais, nada menos.

Editor. Mas isso é um grande erro, e um dos primeiros preconceitos que propomos combater. Lúcifer é o pálido e puro arauto do amanhecer——

Senhora (interrompendo). Pensei que você fosse fazer algo mais interessante e mais importante do que branquear personagens mitológicos. Todos nós teremos que ir para a escola novamente, ou ler o Dicionário Clássico do Dr. Smith. E qual a utilidade disso quando estiver pronto? Pensei que você fosse nos contar coisas sobre nossas próprias vidas e como torná-las melhores. Suponho que Milton escreveu sobre Lúcifer, não foi? — mas ninguém lê Milton agora. Deixe-nos ter um título moderno com algum significado humano nele.

IV.

Um jornalista (pensativamente, enquanto enrola seu cigarro). Sim, é uma boa ideia, esta sua revista. Todos nós riremos dela, como é natural: e a cortaremos nos jornais. Mas todos nós a leremos, porque secretamente todos têm fome do misterioso. Como você vai chamá-la?

Editor. Lúcifer.

Jornalista (acendendo uma luz). Por que não *The Fusee* ? Um título tão bom quanto e não tão pretensioso.

O “Novelista”, o “Homem do Mundo”, a “Dama Elegante” e o “Jornalista” devem ser os primeiros a receber uma pequena instrução. Um vislumbre do caráter real e primitivo de Lúcifer não pode fazer mal a eles e pode, talvez, curá-los de um pouco de preconceito ridículo. Eles devem estudar a Teogonia de Homero e Hesíodo se quiserem fazer justiça a Lúcifer, “*Eósforo e Hésforo*”, a bela estrela da manhã e da noite. Se há coisas mais úteis a fazer nesta vida do que “branquear personagens mitológicos”, caluniá-los e denegri-los é, pelo menos, tão inútil, e mostra, além disso, uma estreiteza de espírito que não pode honrar ninguém.

Objetar ao título de LÚCIFER, somente porque suas “associações são tão terríveis”, é perdoável — se é que pode ser perdoável em qualquer caso — somente em um missionário

americano ignorante de alguma seita dissidente, em alguém cuja preguiça natural e falta de educação o levaram a preferir arar as mentes dos pagãos, tão ignorantes quanto ele próprio, ao processo mais lucrativo, mas um tanto mais árduo, de arar os campos da fazenda de seu próprio pai. No clero inglês, entretanto, que recebe uma educação mais ou menos clássica e, portanto, supostamente conhece os *meandros da* sofística e casuística teológicas, esse tipo de oposição é absolutamente imperdoável. Não apenas cheira a hipocrisia e engano, mas os coloca diretamente em um nível moral inferior ao que chamam de anjo apóstata. Ao tentar mostrar o Lúcifer teológico, caído pela ideia de que

“Reinar vale a pena ambição, mesmo no Inferno;
É melhor reinar no Inferno do que servir no Céu”,

eles estão virtualmente colocando em prática o suposto crime do qual eles gostariam de acusá-lo. Eles preferem reinar sobre o espírito das massas por meio de uma MENTIRA obscura e pernicioso, produtiva de muitos males, do que servir ao céu servindo a VERDADE. Tais práticas são dignas apenas dos jesuítas.

Mas sua escritura sagrada é a primeira a contradizer suas interpretações e a associação de Lúcifer, a Estrela da Manhã, com Satanás. Capítulo XXII. do *Apocalipse*, versículo 16, diz: “Eu, Jesus ... sou a raiz ... e a brilhante *Estrela da Manhã*” (ὄρθρινὸς “madrugador”): daí Eosphoros, ou o latim Lúcifer. O opróbrio anexado a esse nome é de uma data tão tardia, que a Igreja Romana se viu forçada a esconder a calúnia teológica por trás de uma interpretação dupla — como de costume. Cristo, somos informados, é a “Estrela da Manhã”, o *divino* Lúcifer; e Satanás, o *usurpador* do *Verbum*, o “Lúcifer infernal”.^[2] “O grande Arcanjo Miguel, o vencedor de Satanás, é idêntico no paganismo^[3] com Mercúrio- Mitra, a quem, depois de defender o Sol (símbolo de Deus) dos ataques de Vênus-Lúcifer, foi dada a posse deste planeta, *et datus est ei locus Luciferi*. E como o Arcanjo Miguel é o 'Anjo da Face' e 'o Vigário do *Verbum*', ele é agora considerado na Igreja Romana como o regente daquele planeta Vênus que 'o demônio vencido usurpou'. *Angelus faciei Dei sedem superbi humilis obtinuit*, diz Cornelius à Lapide (em Vol. VI. p. 229).

Isto dá a razão pela qual um dos primeiros Papas foi chamado Lúcifer, como Yonge e os registros eclesiásticos provam. Segue-se, portanto, que o título escolhido para nossa revista está tão associado a ideias divinas e piedosas quanto à suposta rebelião do herói de “Paraíso Perdido” de Milton. Ao escolhê-lo, *lançamos o primeiro raio de luz e verdade* sobre um preconceito ridículo que não deveria ter espaço para ele nesta nossa “era de fatos e descobertas”. Trabalhamos pela verdadeira Religião e Ciência, no interesse dos fatos, em oposição à ficção e ao preconceito. É nosso dever, assim como é o da Ciência física — declaradamente sua missão — lançar luz sobre fatos na Natureza até então cercados pela escuridão da ignorância. E uma vez que a ignorância é justamente considerada a principal promotora da superstição, esse trabalho é, portanto, um trabalho nobre e benéfico. Mas as Ciências naturais são apenas um aspecto da CIÊNCIA e da VERDADE. Ciências psicológicas e morais, ou teosofia, o conhecimento da verdade divina, onde quer que seja encontrada, são ainda mais importantes nos assuntos humanos, e a verdadeira Ciência não deve ser limitada simplesmente ao aspecto físico da vida e da natureza. A Ciência é um resumo de cada fato, uma compreensão de cada verdade dentro do escopo da pesquisa e inteligência humanas. “A ciência profunda e precisa de Shakespeare na filosofia mental” (Coleridge), provou ser mais benéfica para o verdadeiro filósofo no estudo do coração humano — portanto, na promoção da verdade — do que a ciência mais precisa, mas certamente menos profunda, de qualquer Fellow da Royal Institution.

Aqueles leitores, no entanto, que não se acham convencidos de que a Igreja não tinha o direito de lançar uma calúnia sobre uma bela estrela, e que o fez por uma mera necessidade de explicar um de seus numerosos empréstimos do Paganismo com todas as suas concepções poéticas das verdades da Natureza, são convidados a ler nosso artigo “A História de um Planeta”. Talvez, após sua leitura, eles vejam até que ponto Dupuis estava justificado em afirmar que “todas as teologias têm sua origem na astronomia.” Com os orientistas modernos, todo mito é *solar*. Este é mais um preconceito, e um preconceito em favor do materialismo e da ciência física. Será um dos nossos deveres combatê-lo com muito do resto.

Ocultismo não é magia, embora a magia seja uma de suas ferramentas.

O ocultismo não é a aquisição de poderes, sejam eles psíquicos ou intelectuais, embora ambos sejam seus servos. Nem o ocultismo é a busca da felicidade, como os homens entendem a palavra; pois o primeiro passo é o sacrifício, o segundo, a renúncia.

A vida é construída pelo sacrifício do indivíduo ao todo. Cada célula no corpo vivo deve se sacrificar à perfeição do todo; quando é o contrário, a doença e a morte reforçam a lição.

Ocultismo é a ciência da vida, a arte de viver.

COMENTÁRIOS SOBRE “LUZ NO CAMINHO”.

PELO AUTOR.

“Antes que os olhos possam ver, eles devem ser incapazes de chorar.”

Deve ser muito claramente lembrado por todos os leitores deste volume que é um livro que pode parecer ter um pouco de filosofia, mas muito pouco sentido, para aqueles que acreditam que foi escrito em inglês comum. Para muitos, que leem desta maneira, será — não caviar, mas azeitonas fortes de seu sal. Esteja avisado e leia apenas um pouco desta forma.

Há outra maneira de ler, que é, de fato, a única de alguma utilidade para muitos autores. É ler, não entre as linhas, mas dentro das palavras. Na verdade, é decifrar uma cifra profunda. Todas as obras alquímicas são escritas na cifra da qual falo; ela foi usada pelos grandes filósofos e poetas de todos os tempos. É usada sistematicamente pelos adeptos da vida e do conhecimento, que, aparentemente revelando sua sabedoria mais profunda, escondem nas próprias palavras que a enquadram seu mistério real. Eles não podem fazer mais. Há uma lei da natureza que insiste que um homem leia esses mistérios por si mesmo. Por nenhum outro método ele pode obtê-los. Um homem que deseja viver deve comer sua comida ele mesmo: esta é a lei simples da natureza — que se aplica também à vidasuperior. Um homem que viveria e agiria nela não pode ser alimentado como um bebê com uma colher; ele deve comer por si mesmo.

Proponho colocar em uma linguagem nova e às vezes mais clara partes de “Luz no Caminho”; mas se esse meu esforço realmente será alguma interpretação, não posso dizer. Para um homem surdo e mudo, uma verdade não se torna mais inteligível se, para fazê-la assim, algum linguista equivocado traduz as palavras em que ela é expressa em todas as línguas vivas ou mortas, e grita essas diferentes frases em seu ouvido. Mas para aqueles que não são surdos e mudos, uma língua é geralmente mais fácil do que as demais; e é a tais como esses que me dirijo.

Os primeiros aforismos de “Luz no Caminho”, incluídos no Número I, permaneceram, eu bem sei, selados quanto ao seu significado interno para muitos que de outra forma seguiram o propósito do livro.

Há quatro verdades provadas e certas com relação à entrada no ocultismo. Os Portões de Ouro barram esse limiar; ainda assim, há alguns que passam por esses portões e descobrem o sublime e o ilimitado além. Nos espaços distantes do Tempo, todos passarão por esses portões. Mas eu sou alguém que desejaria que o Tempo, o grande enganador, não fosse tão dominador. Para aqueles que o conhecem e o amam, não tenho nada a dizer; mas para os outros — e não são tão poucos quanto alguns podem imaginar — a quem o a passagem do Tempo é como o golpe de uma marreta, e a sensação do Espaço como as barras de uma gaiola de ferro, traduzirei e retraduzirei até que eles entendam completamente.

As quatro verdades escritas na primeira página de “Luz no Caminho” referem-se à iniciação experimental do aspirante a ocultista. Até que ele a tenha passado, ele não pode nem mesmo alcançar a trava do portão que admite o conhecimento. O conhecimento é a maior herança do homem; por que, então, ele não deveria tentar alcançá-lo por todas as estradas possíveis? O laboratório não é o único terreno para experimentos; *ciência*, devemos lembrar, é derivada de *sciens*, participio presente de *scire*, “saber” — sua origem é semelhante à da palavra “discernir”, “conhecer”. A ciência, portanto, não lida apenas com matéria, não, nem mesmo com suas formas mais sutis e obscuras. Tal ideia nasceramemente do espírito ocioso da época. Ciência é uma palavra que abrange todas as formas de conhecimento. É extremamente interessante ouvir o que os químicos descobrem e vê-los encontrar seu caminho através das densidades da matéria até suas formas mais finas; mashá outros tipos de conhecimento além deste, e não é todo mundo que restringe seu desejo (estritamente científico) de conhecimento a experimentos que podem ser testados pelos sentidos físicos.

Todo aquele que não é um idiota, ou um homem entorpecido por algum vício predominante, adivinhou, ou talvez até tenha descoberto com alguma certeza, que há sentidos sutis dentro dos sentidos físicos. Não há nada de extraordinário nisso; se tivéssemos o trabalho de chamar a Natureza para a caixa de testemunhas, descobriríamos que tudo o que é perceptível à visão comum tem algo ainda mais importante do que si mesmo escondido dentro de si; o microscópio abriu um mundo para nós, mas dentro desses invólucros que o microscópio revela, jaz um mistério que nenhuma máquina pode sondar.

O mundo inteiro é animado e iluminado, até suas formas mais materiais, por um mundo dentro dele. Este mundo interior é chamado de Astral por algumas pessoas, e é uma palavra tão boa quanto qualquer outra, embora signifique meramente estrelado; mas as estrelas, como Locke apontou, são corpos luminosos que dão luz de si mesmas. Esta qualidade é característica da vida que está dentro da matéria; pois aqueles que a veem, não precisam de nenhuma lâmpada para vê-la. A palavra estrela, além disso, é derivada do anglo-saxão “stiran”, dirigir, agitar, mover, e inegavelmente é a vida interior que é dona da exterior, assim como o cérebro de um homem guia os movimentos de seus lábios. De modo que, embora Astral não seja uma palavra muito excelente em si mesma, estou contente em usá-la para meu propósito atual.

Todo o “Luz no Caminho” está escrito em uma cifra astral e, portanto, só pode ser decifrado por alguém que lê astralmente. E seu ensinamento é direcionado principalmente para o cultivo e desenvolvimento da vida astral. Até que o primeiro passo tenha sido dado neste desenvolvimento, o conhecimento rápido, que é chamado de intuição com certeza, é impossível para o homem. E esta intuição positiva e certa é a única forma de conhecimento que permite que um homem trabalhe rapidamente ou alcance seu verdadeiro e alto estado, dentro do limite de seu esforço consciente. Obter conhecimento por experimento é um método muito tedioso para aqueles que aspiram realizar trabalho real; aquele que o obtém por certa intuição, põe as mãos em suas várias formas com suprema rapidez, por feroz esforço de vontade; como um trabalhador determinado agarra suas ferramentas, indiferente ao seu peso ou qualquer outra dificuldade que possa estar em seu caminho. Ele não espera que cada uma seja testada — ele usa aquelas que vê como mais adequadas.

Todas as regras contidas em “Luz no Caminho” são escritas para todos os discípulos, mas somente para os discípulos — aqueles que “tomam conhecimento”. Para ninguém mais, exceto para o aluno desta escola, suas leis são de qualquer utilidade ou interesse.

A todos os que estão seriamente interessados em Ocultismo, eu digo primeiro — tomem conhecimento. A quem tem será dado. É inútil esperar por isso. O útero do Tempo se fechará diante de vocês, e nos dias posteriores vocês permanecerão não nascidos, sempoder. Portanto, eu digo àqueles que têm qualquer fome ou sede de conhecimento, prestem atenção a essas regras.

Elas não são nenhuma de minhas artes ou invenções. Elas são meramente a formulação de leis na supernatureza, a colocação em palavras de verdades tão absolutas em sua própria esfera, como aquelas leis que governam a conduta da Terra e sua atmosfera.

Os sentidos mencionados nessas quatro afirmações são os sentidos astrais ou internos.

Nenhum homem deseja ver aquela luz que ilumina a alma sem espaço até que a dor, a tristeza e o desespero o tenham afastado da vida da humanidade comum. Primeiro ele esgota o prazer; então ele esgota a dor — até que, por fim, seus olhos se tornem incapazes de lágrimas.

Isto é um truísmo, embora eu saiba perfeitamente bem que ele encontrará uma negação veemente de muitos que simpatizam com pensamentos que brotam da vida interior. *Ver* com o sentido astral da visão é uma forma de atividade que é difícil para nós entendermos imediatamente. O cientista sabe muito bem que milagre é alcançado por cada criança que nasce no mundo, quando ela primeiro conquista sua visão e a obriga a obedecer seu cérebro. Um milagre igual é realizado com cada sentido certamente, mas esta ordenação da visão é talvez o esforço mais estupendo. No entanto, a criança faz isso quase inconscientemente, pela força da poderosa hereditariedade do hábito. Ninguém agora está ciente de que ela já fez isso; assim como não podemos nos lembrar dos movimentos individuais que nos permitiram subir uma colina há um ano. Isso surge do fato de que nos movemos, vivemos e temos nosso ser na matéria. Nosso conhecimento disso se tornou intuitivo.

Com nossa vida astral é bem diferente. Por longas eras passadas, o homem prestou muito pouca atenção a isso — tão pouca, que ele praticamente perdeu o uso de seus sentidos. É verdade, que em toda civilização a estrela surge, e o homem confessa, com mais ou menos loucura e confusão, que ele sabe que ele é. Mas na maioria das vezes ele nega, e sendo um materialista se torna aquela coisa estranha, um ser que não consegue ver sua própria luz, uma coisa da vida que não viverá, um animal astral que tem olhos, ouvidos, fala e poder, mas não usará nenhum desses dons. Este é o caso, e o hábito da ignorância se tornou tão confirmado, que agora ninguém verá com a visão interior até que a agonia tenha tornado os olhos físicos não apenas cegos, mas sem lágrimas — a umidade da vida. Ser incapaz de chorar é ter enfrentado e conquistado a natureza humana simples, e ter atingido um equilíbrio que não pode ser abalado por emoções pessoais. Não implica nenhuma dureza de coração, ou qualquer indiferença. Não implica a exaustão da tristeza, quando a almasfredora parece impotente para sofrer intensamente por mais tempo; não significa a morte da velhice, quando a emoção está se tornando opaca porque as cordas que vibram para ela estão se desgastando. Nenhuma dessas condições é adequada para um discípulo, e sequalquer uma delas existir nele, deve ser superada antes que o caminho possa ser trilhado. A dureza de coração pertence ao homem egoísta, ao egoísta, para quem o portão está fechado para sempre. A indiferença pertence ao tolo e ao falso filósofo; aqueles cuja mornidão os torna meros fantoches, não fortes o suficiente para enfrentar as realidades da existência. Quando a dor ou a tristeza desgastam a intensidade do sofrimento, o resultado é uma letargia não muito diferente daquela que acompanha a velhice, como é geralmente experimentada por homens e mulheres. Tal condição torna a entrada no caminho impossível, porque o primeiro passo é difícil e precisa de um homem forte, cheio de vigor psíquico e físico, para tentar.

É uma verdade, que, como Edgar Allan Poe disse, os olhos são as janelas para a alma, as janelas daquele palácio assombrado em que ela habita. Esta é a interpretação mais próxima em linguagem comum do significado do texto. Se tristeza, consternação, decepção ou prazer, podem abalar a alma de modo que ela perca seu domínio fixo sobre o espírito calmo que a inspira, e a umidade da vida irrompe, afogando o conhecimento na sensação, então tudo fica embaçado, as janelas são escurecidas, a luz é inútil. Este é um fato tão literal quanto se um homem, à beira de um precipício, perde a coragem por alguma emoção repentina, ele certamente cairá. O equilíbrio do corpo, o equilíbrio, deve ser preservado, não apenas em lugares perigosos, mas mesmo no nível do solo, e com toda a assistência que a Natureza nos dá pela lei da gravitação. Assim é com a alma, é o elo entre o corpo externo e o espírito estrelado além; a centelha divina habita no lugar parado onde nenhuma convulsão da Natureza pode abalar o ar; isso é sempre assim. Mas a alma pode perder seu domínio sobre isso, seu conhecimento disso, mesmo que esses dois sejam parte de um todo; e é pela emoção, pela sensação, que esse domínio é afrouxado. Sofrer prazer ou dor, causa uma vibração vívida que é, para a consciência do homem, vida. Agora, essa sensibilidade não diminui quando o discípulo entra em seu treinamento; ela aumenta. É o primeiro teste de sua força; ele deve sofrer, deve desfrutar ou suportar, mais intensamente do que outros homens, enquanto ainda assim ele assumiu um dever que não existe para outros homens, o de não permitir que seu sofrimento o abale de seu propósito fixo. Ele tem, de fato, no primeiro passo para se recompor firmemente e colocar o freio em sua própria boca; ninguém mais pode fazer isso por ele.

Os quatro primeiros aforismos de “Luz no Caminho” referem-se inteiramente ao desenvolvimento astral. Esse desenvolvimento deve ser realizado até certo ponto — ou seja, deve ser totalmente adentrado — antes que o restante do livro seja realmente inteligível, exceto para o intelecto; de fato, antes que possa ser lido como um tratado prático, não metafísico.

Em uma das grandes Irmandades místicas, há quatro cerimônias, que acontecem no início do ano, que praticamente ilustram e elucidam esses aforismos. São cerimônias das quais apenas novatos participam, pois são simplesmente serviços do limiar. Mas isso mostrará quão sério é se tornar um discípulo, quando se entende que todas essas são cerimônias de sacrifício. A primeira é esta da qual tenho falado. O mais profundo prazer, a dor mais amarga, a angústia da perda e do desespero são trazidos à alma trêmula, que ainda não encontrou luz na escuridão, que é desamparada como um cego, e até que esses choques possam ser suportados sem perda de equilíbrio, os sentidos astrais devem permanecer

selados. Esta é a lei misericordiosa. O "médium" ou "espiritualista", que se precipita no mundo psíquico sem preparação, é um infrator da lei, um infrator das leis da sobrenatureza. Aqueles que quebram as leis da Natureza perdem sua saúde física; aqueles que quebram as leis da vida interior, perdem sua saúde psíquica. “Médiuns” tornam-se loucos, suicidas, criaturas miseráveis desprovidas de senso moral; e frequentemente terminam como descrentes, duvidadores até mesmo daquilo que seus próprios olhos viram. O discípulo é compelido a se tornar seu próprio mestre antes de se aventurar neste caminho perigoso, e tenta enfrentar aqueles seres que vivem e trabalham no mundo astral, e a quem chamamos de mestres, por causa de seu grande conhecimento e sua habilidade de controlar não apenas a si mesmos, mas as forças ao seu redor.

A condição da alma quando vive para a vida da sensação, distinta daquela do conhecimento, é vibratória ou oscilante, distinta de fixa. Essa é a representação literal mais próxima do fato; mas é apenas literal para o intelecto, não para a intuição. Para essa parte da consciência do homem, um vocabulário diferente é necessário. A ideia de “fixo” talvez possa ser transposta para a de “em casa”. Na sensação, nenhum lar permanente pode ser encontrado, porque a mudança é a lei dessa existência vibratória. Esse fato é o primeiro que deve ser aprendido pelo discípulo. É inútil parar e chorar por uma cena em um caleidoscópio que já passou.

É um facto muito conhecido, com o qual Bulwer Lytton lidou com grande poder, que uma tristeza intolerável é a primeira experiência do neófito no Ocultismo. Uma sensação de vazio cai sobre ele, o que torna o mundo um desperdício e a vida um esforço vão. Isso segue sua primeira contemplação séria do abstrato. Ao olhar, ou mesmo ao tentar olhar, para o mistério inefável de sua própria natureza superior, ele próprio faz com que aprovação inicial caia sobre ele. A oscilação entre prazer e dor cessa por — talvez um instante de tempo; mas isso é o suficiente para tê-lo solto de suas amarras rápidas no mundosa sensação. Ele experimentou, ainda que brevemente, a vida maior; e ele continua com a existência comum ponderada por uma sensação de irrealidade, de vazio, de negação horrível. Este foi o pesadelo que visitou o neófito de Bulwer Lytton em “Zanoni”; e até mesmo o próprio Zanoni, que havia aprendido grandes verdades e sido investido de grandes poderes, não havia realmente passado do limiar onde medo e esperança, desespero e alegriaparecem em um momento realidades absolutas, no próximo meras formas de fantasia.

Este teste inicial é frequentemente trazido a nós pela própria vida. Pois a vida é, afinal, a grande professora. Nós retornamos para estudá-la, depois de termos adquirido poder sobre ela, assim como o mestre em química aprende mais no laboratório do que seu aluno. Há pessoas tão perto da porta do conhecimento que a própria vida as prepara para isso, e nenhuma mão individual tem que invocar o guardião hediondo da entrada. Estas devem ser naturalmente organizações afiadas e poderosas, capazes do prazer mais vívido; então a dor vem e cumpre seu grande dever. As formas mais intensas de sofrimento recaem sobre tal natureza, até que finalmente ela desperta de seu estupor de consciência, e pela força de sua vitalidade interna pisa sobre o limiar para um lugar de paz. Então a vibração da vida perde seu poder de tirania. A natureza sensível deve sofrer ainda; mas a alma se libertou e se mantém distante, guiando a vida em direção à sua grandeza. Aqueles que são os sujeitos do Tempo, e passam lentamente por todos os seus espaços, vivem através de uma longa série de sensações, e sofrem uma constante mistura de prazer e dor. Eles não ousam tomar a cobra do eu em um aperto firme e conquistá-la, tornando-se assim divinos; mas preferem continuar se aflagindo através de experiências diversas, sofrendo golpes das forças opostas.

Quando um desses sujeitos do Tempo decide entrar no caminho do Ocultismo, é essa a sua primeira tarefa. Se a vida não lhe ensinou isso, se ele não é forte o suficiente para se ensinar, e se ele tem poder o suficiente para exigir a ajuda de um mestre, então essa terrível provação, descrita em Zanoni, é colocada sobre ele. A oscilação em que ele vive é por um instante silenciada; e ele tem que sobreviver ao choque de encarar o que lhe parece à primeira vista como o abismo do nada. Até que ele tenha aprendido a habitar esse abismo, e tenha encontrado sua paz, é possível que seus olhos tenham se tornado incapazes delágrimas.

A dificuldade de escrever de forma inteligível sobre esses assuntos é tão grande que Peço àqueles que encontraram algum interesse neste artigo, e ainda ficaram com perplexidades e dúvidas, que se dirijam a mim na coluna de correspondência desta revista. Peço isso porque

perguntas bem pensadas são uma ajuda tão grande para o leitor em geral quanto as respostas a elas.

Δ

(*Continua .*)

A harmonia é a lei da vida, a discórdia é sua sombra, de onde surge o sofrimento, o mestre, o despertador da consciência.

Por meio da alegria e da tristeza, da dor e do prazer, a alma chega ao conhecimento de si mesma; então começa a tarefa de aprender as leis da vida, para que as discórdias possam ser resolvidas e a harmonia restaurada.

Os olhos da sabedoria são como as profundezas do oceano; não há alegria nem tristeza neles; portanto, a alma do ocultista deve se tornar mais forte que a alegria e maior que a tristeza.

A HISTÓRIA DE UM PLANETA.

Nenhuma estrela, entre as incontáveis miríades que cintilam sobre os campos siderais do céu noturno, brilha tão deslumbrantemente quanto o planeta Vênus — nem mesmo Sirius-Sothis, a estrela-cão, amada por Ísis. Vênus é a rainha entre nossos planetas, a joia d'acoroa do nosso sistema solar. Ela é a inspiradora do poeta, a guardiã e companheira do pastor solitário, a adorável estrela da manhã e da noite. Pois,

“As estrelas ensinam e também brilham.”

embora seus segredos ainda não sejam contados e não revelados para a maioria dos homens, incluindo astrônomos. Eles são “uma beleza e um mistério”, na verdade. Mas “onde há um mistério, geralmente se supõe que também deve haver o mal”, diz Byron. O mal, portanto, foi detectado pela fantasia humana mal-disposta, mesmo naqueles olhos brilhantes e luminosos espiando nosso mundo perverso através do véu do éter. Assim, passaram a existir estrelas e planetas caluniados, bem como homens e mulheres caluniados. Muitas vezes, a reputação e a fortuna de um homem ou partido são sacrificadas em benefício de outro homem ou partido. Como na Terra abaixo, assim nos céus acima, e Vênus, o planeta irmão da nossa Terra,^[4] foi sacrificada à ambição do nosso pequeno globo para mostrar a este último o planeta “escolhido” do Senhor. Ela se tornou o bode expiatório, o *Azazel* da cúpula estrelada, pelos pecados da Terra, ou melhor, para aqueles de uma certa classe na família humana — o clero — que caluniaram o orbe brilhante, a fim de provar o que sua ambição lhes sugeria como o melhor meio de alcançar o poder e exercê-lo inabalavelmente sobre as massas supersticiosas e ignorantes.

Isso aconteceu durante a Idade Média. E agora o pecado jaz negro na porta dos cristãos e seus inspiradores científicos, embora o erro tenha sido elevado com sucesso à posição elevada de um dogma religioso, como muitas outras ficções e invenções foram.

De fato, todo o mundo sideral, planetas e seus regentes — os antigos deuses do paganismo poético — o sol, a lua, os elementos e toda a hoste de mundos incalculáveis — aqueles pelo menos que eram conhecidos pelos Padres da Igreja — compartilharam o mesmo destino. Todos eles foram caluniados, todos atormentados pelo desejo insaciável de provar um pequeno sistema de teologia — construído sobre e a partir de materiais pagãos antigos — o único certo e sagrado, e todos aqueles que o precederam ou seguiram completamente errados. Sol e estrelas, o próprio ar, somos convidados a acreditar, tornaram-se puros e “redimidos” do pecado original e do elemento satânico do paganismo, somente após o ano I, d.C. Escolásticos e escoliastas, cujo espírito “rejeitou investigação laboriosa e indução lenta”, mostrou, para a satisfação da Igreja infalível, todo o Kosmos no poder de Satanás — um pobre elogio a Deus — antes do ano da Natividade; e os cristãos tinham que acreditar ou ser condenados. Nunca a sutil sofística e a casuística se mostraram tão claramente em sua verdadeira luz, no entanto, como nas questões do ex-satanismo e da redenção posterior de vários corpos celestes. A pobre e bela Vênus foi derrotada naquela guerra das chamadas provas divinas em um grau maior do que qualquer um de seus colegas siderais. Embora a história dos outros seis planetas e sua transformação gradual de deuses greco-arianos em demônios semitas e, finalmente, em “atributos divinos dos *sete olhos* do Senhor” seja conhecida apenas pelos educados, a de Vênus-Lúcifer se tornou uma história familiar até mesmo entre os mais analfabetos nos países católicos romanos.

Esta história será agora contada para o benefício daqueles que podem ter negligenciado sua mitologia astral.

Vênus, caracterizada por Pitágoras como o *sol alter*, um segundo Sol, por conta de sua magnífica radiância — igualada por nenhuma outra — foi a primeira a chamar a atenção dos antigos teogonistas. Antes de começar a ser chamada de Vênus, era conhecida na teogonia pré-hesíodica como Eosphoros (ou Phosphoros) e Hesperos, os filhos do amanhecer e do crepúsculo. Em Hesíodo, além disso, o planeta é decomposto em dois seres divinos, dois irmãos — Eosphoros (o *Lúcifer* dos latinos), a manhã, e Hesperos, a estrela datarde. Eles são os filhos de Astrœos e Eos, o céu estrelado e o amanhecer, como também de

Kephalos e Eos (*Theog*: 381, *Hyg: Poet: Astron* : 11, 42). Preller, citado por Decharme, mostra Phaeton idêntico a Phosphoros ou Lúcifer (*Griech: Mythol* : 1. 365). E sob a autoridade de Hesíodo, ele também faz Phaeton o filho das duas últimas divindades — Kephalos e Eos.

Agora Phaeton ou Phosphoros, o “orbe luminoso da manhã”, é levado embora em sua juventude por Afrodite (Vênus) que faz dele o guardião noturno de seu santuário (*Theog*: 987-991). Ele é a “bela estrela da manhã” (*Vide St. John's Revelation XXII. 16*) amada por sua luz radiante pela Deusa do Amanhecer, Aurora, que, enquanto gradualmente eclipsa a luz de seu amado, parecendo assim levar a estrela embora, a faz reaparecer no horizonte noturno onde observa os portões do céu. No início da manhã, Phosphoros “saindo das águas do Oceano, levanta no céu sua cabeça sagrada para anunciar a aproximação da luz divina.”(*Iliada*, XXIII. 226; *Odisseia*: XIII. 93; *Virg: Aeneid*, VIII. 589; *Mythol: de la Grèce Antique* . 247). Ele segura uma tocha na mão e voa pelo espaço enquanto precede o carro de Aurora. À noite ele torna-se Hesperos, “a mais esplêndida das estrelas que brilham na abóbada celeste” (*Iliada*, XXII. 317). Ele é o pai das Hespérides, as guardiãs das maçãs douradas junto com o Dragão; o belo gênio dos cachos dourados esvoaçantes, cantados e glorificados em todos os antigos *epithalami* (as canções nupciais dos primeiros cristãos como dos gregos pagãos); ele, que ao cair da noite, lidera o *cortejo* nupcial e entrega anovia nos braços do noivo. (*Carmen Nuptiale*. Veja *Mythol: de la Grèce Antique* . Decharme.)

Até agora, parece não haver nenhuma *reaproximação* possível, nenhuma analogia a ser descoberta entre essa personificação poética de uma estrela, um mito puramente astronômico, e o *satânico* da teologia cristã. É verdade que a conexão próxima entre o planeta como Héspero, a estrela da tarde, e o Jardim do Éden grego com seu Dragão e as maçãs de ouro pode, com um certo esforço de imaginação, sugerir algumas comparações dolorosas com o terceiro capítulo do Gênesis. Mas isso é insuficiente para justificar a construção de um muro teológico de defesa contra o paganismo feito de calúnias e deturpações.

Mas de todas as *evemerizações* gregas, Lúcifer-Eósforo é, talvez, a mais complicada. O planeta tornou-se com os latinos, Vênus, ou Afrodite- *Anadyomene*, a Deusa nascida da espuma, a “Mãe Divina”, e um com a fenícia Astarte, ou a judaica Astaroth. Todas eram chamadas de “A Estrela da Manhã”, e as Virgens do Mar, ou *Mar* (de onde Maria), o grande Abismo, títulos agora dados pela Igreja Romana à sua Virgem Maria. Todas estavam conectadas com a lua e o crescente, com o Dragão e o planeta Vênus, assim como a mãe de Cristo foi conectada com todos esses atributos. Se os marinheiros fenícios carregavam, fixada na proa de seus navios, a imagem da deusa Astarte (ou Afrodite, Vênus Erycina) e olhavam para a estrela da tarde e da manhã como *sua* estrela-guia, “o olho de sua Deusa mãe”, assim também o fazem os marinheiros católicos romanos até hoje. Eles fixam uma Madonna na proa de seus navios, e a abençoada Virgem Maria é chamada de “Virgem do Mar”. A padroeira aceita dos marinheiros cristãos, sua estrela, “ *Stella Del Mar*”, etc., ela fica na lua crescente. Como as antigas Deusas pagãs, ela é a “Rainha do Céu” e a “Estrelada Manhã”, assim como elas eram.

Se isso pode explicar alguma coisa, fica a cargo da sagacidade do leitor. Enquanto isso, Lúcifer-Vênus não tem nada a ver com escuridão, e tudo com luz. Quando chamado de *Lúcifer*, é o “portador da luz”, o primeiro raio radiante que destrói a escuridão letal da noite. Quando chamado de Vênus, o planeta-estrela se torna o símbolo do amanhecer, a casta Aurora. O professor Max Müller conjectura corretamente que Afrodite, nascida do mar, é uma personificação do Amanhecer do Dia, e a mais adorável de todas as visões da Natureza (“Ciência da Linguagem”), pois, antes de sua naturalização pelos gregos, Afrodite era a Natureza personificada, a vida e a luz do mundo pagão, como provado na bela invocação a Vênus por Lucrécio, citado por Decharme. Ela é a Natureza *divina* em sua totalidade, *Aditi-Prakriti* antes de se tornar Lakshmi. Ela é aquela Natureza diante de cuja face majestosa e bela, “os ventos voam para longe, o céu tranquilo derrama torrentes de luz e as ondas do mar sorriem” (Lucrécio). Quando referido como a deusa síria Astarte, a Astaroth de Hierópolis, o planeta radiante era personificado como uma mulher majestosa, segurando em uma mão estendida uma tocha, na outra, um cajado torto em forma de cruz. (*Vide De Dea Syriê* de Luciano e *De Nat: Deorum* de Cícero, 3 c.23). Finalmente, o planeta é representado astronomicamente, como um globo *posicionado acima da cruz* — um

símbolo com o qual nenhum demônio gostaria de se associar — enquanto o planeta Terra é um globo com uma cruz *sobre ele* .

Mas então, essas cruzeiras não são os símbolos do cristianismo, mas a *crux ansata* egípcia , o atributo de Ísis (que é Vênus, e Afrodite, Natureza, também) ♀ ou ♀ o planeta; o fato de que a Terra tem a *crux ansata* invertida, ð tem um grande significado oculto sobre o qual não há necessidade de entrar no momento.

Agora, o que diz a Igreja e como ela explica a “terrível associação”. A Igreja acredita no diabo, é claro, e não podia se dar ao luxo de perdê-lo. “ *O Diabo é o principal pilar da Igreja* ”, confessa descaradamente um defensor^[5] da *Ecclesia Militans* . “Todos os gnósticos alexandrinos nos falam da queda dos *Æons* e seu *Pleroma*, e todos atribuem essa queda *ao desejo de saber* ”, escreve outro voluntário do mesmo exército, caluniando os gnósticos como de costume e identificando *o desejo de saber* ou ocultismo, magia, com o satanismo.

^[6] E então, imediatamente, ele cita a *Philosophie de l'Histoire* de Schlegel para mostrar que os sete reitores (planetas) de Pymander, “comissionados por Deus para conter o mundo fenomenal em seus sete círculos, perdidos no amor por sua própria beleza,^[7] passaram a admirar-se com tanta intensidade que, devido a essa auto-adulação orgulhosa, acabaram por *cair* .”

A perversidade tendo assim encontrado seu caminho entre os anjos, a mais bela criatura de Deus “revoltou-se contra seu Criador”. Essa criatura é, na fantasia teológica, Vênus-Lúcifer, ou melhor, o Espírito ou Regente informador daquele planeta. Este ensinamento é baseado na seguinte especulação. Os três principais heróis da grande catástrofe sideral mencionada na *Apocalipse* são, de acordo com o testemunho dos pais da Igreja — “o Verbum, Lúcifer, seu usurpador (veja editorial) e o grande Arcanjo que o conquistou”, e cujos “palácios” (as “casas” a astrologia os chama) estão no Sol, Vênus-Lúcifer e Mercúrio. Isso é bastante evidente, uma vez que a posição desses orbes no sistema Solar corresponde em sua ordem hierárquica à dos “heróis” no Capítulo xii do *Apocalipse* “*seus nomes e destinos (?) estão intimamente conectados no sistema teológico (exotérico) com esses três grandes nomes metafísicos.*” (*Memórias* de De Mirville para a Academia da França, sobre os Espíritos rappers e os Demônios).

O resultado disto foi que a lenda teológica fez de Vênus-Lúcifer a esfera e o domínio do Arcanjo caído, ou Satanás antes de sua apostasia. Chamado a reconciliar esta declaração com aquele outro fato, que a metáfora da “estrela da manhã” é aplicada tanto a Jesus quanto à sua mãe Virgem, e que o planeta Vênus-Lúcifer está incluído, além disso, entre as “estrelas” dos sete espíritos planetários adorados pelos católicos romanos^[8] Sob novos nomes, os defensores dos dogmas e crenças latinos respondem da seguinte forma:

“Lúcifer, o vizinho ciumento do Sol (Cristo) disse a si mesmo em seu grande orgulho: 'Eu subirei tão alto quanto ele!' Ele foi frustrado em seu projeto por Mercúrio, embora o brilho deste último (que é São Miguel) estivesse tão perdido nos fogos ardentes do grande orbe Solar quanto o seu próprio estava, e embora, como Lúcifer, Mercúrio seja apenas o assessor e o guarda de honra do Sol.”—(*Ibid.*)

Guardas da “desonra” agora, se os ensinamentos do cristianismo *teológico* fossem verdadeiros. Mas aqui entra o pé fendido do jesuíta. O ardente defensor da demonolatria católica romana e da adoração dos sete espíritos planetários, ao mesmo tempo, finge grande admiração pelas coincidências entre as antigas *lendas* pagãs e cristãs , entre a fábula sobre Mercúrio e Vênus, e as *verdades históricas* contadas sobre São Miguel — o “anjo da face” — o duplo terrestre, ou *ferouer* de Cristo. Ele os aponta dizendo: “como Mercúrio, o arcanjo Miguel, é o *amigo* do Sol, seu Mitra, talvez, pois Miguel é um gênio *psicopômptico* , aquele que conduz as almas separadas para suas moradas designadas, e como Mitra, ele é o *adversário bem conhecido dos demônios* .” Isso é demonstrado pelo livro dos *nabateus* recentemente descoberto (por Chwolson), em que o *Zoroastriano* Mitra é chamado de “*grande inimigo do planeta Vênus* ”.^[9] (*ibidem* p. 160.)

Há algo nisso. Uma confissão sincera, por uma vez, da identidade perfeita de personagens celestiais e de *empréstimo* de todas as fontes pagãs. É curioso, embora descarado. Enquanto nas alegorias mazdeanas mais antigas, Mitra conquista o planeta Vênus, na tradição cristã Miguel derrota Lúcifer, e ambos recebem, como espólios de guerra, o planeta da divindade vencida.

“Mitra”, diz Dollinger, “possuía, antigamente, a estrela de Mercúrio, colocada entre o sol e a lua, mas foi-lhe dado o planeta dos conquistados, e desde a sua vitória ele é identificado

com Vênus.” (“*Judaisme and Paganisme,*” Vol. II., p. 109. Tradução francesa)

“Na tradição cristã”, acrescenta o erudito Marquês, “São Miguel é repartido no Céu o trono e o palácio do inimigo que ele derrotou . Além disso, como Mercúrio, durante os dias de palmeiras do paganismo, que tornou sagrados a este deus- *demônio* todos os promontórios da terra, o *Arcanjo é o patrono do mesmo em nossa religião .*” Isso significa, se é que significa alguma coisa, que *agora* , pelo menos, Lúcifer-Vênus é um planeta *sagrado* , e não sinônimo de Satanás, já que São Miguel se tornou seu herdeiro legal?

As observações acima concluem com esta reflexão interessante:

“É evidente que o paganismo *utilizou de antemão* , e mais maravilhosamente, todas as características e traços do *príncipe da face do Senhor* (Miguel) ao aplicá-los àquele *Mercúrio* , ao *Hermes Anúbis* egípcio , e ao *Hermes Christos* dos gnósticos. Cada um destes foi representado como o primeiro entre os conselheiros divinos, e o deus mais próximo do sol, *quis ut Deus .*”

Qual título, com todos os seus atributos, tornou-se o de Michael. Os bons Padres, os Mestres Maçons do templo da *Igreja* Cristianismo, sabiam de fato como utilizar material pagão para seus novos dogmas.

O fato é que basta examinar certos *cartuchos* egípcios , apontados por Rossellini (*Egypte* , Vol. I., p. 289), para encontrar Mercúrio (o duplo de Sirius em nosso sistema solar) como Sothis, precedido pelas palavras “ *sole* ” e “ *solis custode, sostegnon dei dominanti, e forte grande dei vigilanti* ” , “vigia do sol, sustentador dos domínios e o mais forte de todos os vigilantes”. Todos esses títulos e atributos são agora do Arcanjo Miguel, que os herdou dos *demônios* do paganismo.

Além disso, viajantes em Roma podem testemunhar a presença maravilhosa na estátua de Mitra, no Vaticano, dos símbolos cristãos mais conhecidos. Os místicos se gabam disso. Eles encontram “em sua cabeça de leão e nas asas de águia, aquelas do corajoso Serafim, o mestre do espaço (Miguel); em seu caduceu, a lança, nas duas serpentes enroladas em volta do corpo, a luta dos princípios bons e maus, e especialmente nas duas chaves que o dito Mitra segura, como São Pedro, as chaves com as quais este Serafim-padroeiro deste último abre e fecha as portas do Céu, *astra cludit et recludit .*” (*Mem* : p. 162.)

Para resumir, o supracitado mostra que o romance teológico de Lúcifer foi construído sobre os vários mitos e alegorias do mundo pagão, e que não é um dogma *revelado* , mas simplesmente um inventado para sustentar a superstição. Mercúrio sendo um dos *assessores* do Sol , ou o *cinocéfalo* dos egípcios e *os cães de guarda do Sol* , literalmente, o outro era *Eosphoros* , o mais brilhante dos planetas, “ *qui mane oriebaris* ”, o que nasce cedo, ou o grego ὀρθρινός. Era idêntico ao *Amoon-ra* , o portador da luz do Egito, e chamado por todas as nações de “o *segundo nascido* da luz” (o primeiro sendo Mercúrio), o início de seus (do Sol) caminhos de sabedoria, o Arcanjo Miguel sendo também referido como o *principium viarum Domini* .

Assim, uma personificação puramente astronômica, construída sobre um significado oculto que ninguém até então pareceu decifrar fora da sabedoria oriental, agora se tornou um dogma, parte integrante da revelação cristã. Uma transferência desajeitada de caracteres é desigual à tarefa de fazer as pessoas pensantes aceitarem em um e no mesmo grupo trinitário, o “Verbo” ou Jesus, Deus e Miguel (com a Virgem ocasionalmente para completá-lo) de um lado, e Mitra, Satanás e Apolo-Abaddon do outro: o todo ao capricho e prazer dos Escoliastas Católicos Romanos. Se Mercúrio e Vênus (Lúcifer) são (astronomicamente em sua revolução ao redor do Sol) os símbolos de Deus Pai, o Filho e de seu Vigário, Miguel, o “Dragão-Conquistador”, na lenda cristã, por que eles deveriam, quando chamados de Apolo-Abaddon , o “Rei do Abismo”, Lúcifer, Satanás ou Vênus — tornar-se imediatamente diabos e demônios? Se nos é dito que o “conquistador”, ou “Mercúrio-Sol”, ou novamente São Miguel do *Apocalipse* , recebeu os despojos do anjo conquistado, a saber, seu planeta, por que o opróbrio deveria continuar sendo atribuído a uma constelação tão purificada? Lúcifer é agora o “Anjo da Face do Senhor”,^[10] porque “aquele rosto está refletido nele”. Pensamos antes, porque o Sol está refletindo seus raios em Mercúrio sete vezes mais do que em nossa Terra, e duas vezes mais em Lúcifer-Vênus: o símbolo cristão provando novamente sua origem astronômica. Mas seja do aspecto astronômico, místico ou simbolológico, Lúcifer é tão bom quanto qualquer outro planeta. Apresentar como prova de seu caráter demoníaco e identidade com Satanás a configuração de Vênus, que dá ao crescente deste planeta a aparência de um chifre cortado, é um absurdo

total. Mas conectar isso com os chifres de “O Místico “Dragão” em *Apocalipse* — “um dos quais foi quebrado”^[11]—como os dois demonologistas franceses, o Marquês de Mirville e o Chevalier des Mousseaux, os campeões da Igreja militante, gostariam que os seus leitores acreditassem na segunda metade do nosso século actual—é simplesmente um insulto ao público.

Além disso, o Diabo não tinha chifres antes do quarto século da era cristã. É uma invenção puramente patrística que surge do desejo deles de conectar o deus Pã e os faunos esátiros pagãos com sua lenda satânica. Os demônios do paganismo eram tão sem chifres e sem cauda quanto o próprio Arcanjo Miguel na imaginação de seus adoradores. Os “chifres” eram, no simbolismo pagão, um emblema do poder divino e da criação, e da fertilidade na natureza. Daí os chifres de carneiro de Amon, de Baco e de Moisés em medalhas antigas, e os chifres de vaca de Ísis e Diana, etc., etc., e do próprio Senhor Deus dos Profetas de Israel. Pois Habacuque dá a evidência de que esse simbolismo foi aceito pelo “povo escolhido” tanto quanto pelos gentios. No Capítulo III. aquele profeta fala do “Santo do Monte Parã”, do Senhor Deus que “vem de Temã, e *cujo resplendor era como a luz*”, e que tinha “*chifres saindo de sua mão*”.

Quando alguém lê, além disso, o texto hebraico de Isaías, e descobre que nenhum Lúcifer é mencionado no Capítulo XIV, v. 12, mas simplesmente לֵלֵךְ, *Hillel*, “uma estrela *brilhante*”, dificilmente pode deixar de se perguntar que pessoas *educadas* ainda deveriam ser ignorantes o suficiente no final do nosso século para associar um planeta radiante — ou qualquer outra coisa na natureza, por falar nisso — com o DIABO !^[12]

HPB

A FLOR E O FRUTO :

UM CONTO DE AMOR E MAGIA .

POR MABEL COLLINS ,

Autor de “ A MULHER MAIS BONITA DE VARSÓVIA ”, etc., etc., e escriba de “ O IDÍLIO DO LÓTUS BRANCO ” e “ ATRAV S DOS PORTÕES DE OURO ”.

Apenas-

Uma faceta da pedra,

Um raio da estrela,

Uma pétala da flor da vida,

Mas aquele que está mais distante e voltado para nós, que somos homens e mulheres.

Esta estranha história chegou até mim de um país distante e foi trazida a mim de uma maneira misteriosa; eu reivindico apenas ser o escriba e o editor. Nesta capacidade, no entanto, sou eu quem responde ao público e aos críticos. Portanto, peço antecipadamente, apenas um favor ao leitor; que ele aceite (enquanto lê esta história) a teoria da reencarnação das almas como um fato vivo.

Mestre de cerimônias

INTRODUÇÃO.

Contendo duas vidas tristes na terra,
E dois doces momentos de sono no Céu.

UMA VIDA ÚTIL.

Acima, os galhos das árvores se misturam, escondendo o céu azul profundo e suavizando o calor feroz do sol. Os galhos estão tão cobertos de flores brancas que é como um dossel de flocos de neve agrupados, tingidos aqui e ali com um rosa suave. É um pomar natural, um local favorecido pelo damasco selvagem. E entre as árvores, vagando do brilho à sombra, voando de um lado para o outro, está uma figura solitária. É a de uma jovem mulher, uma selvagem, uma de uma tribo selvagem e feroz que vive nas fortalezas de uma floresta virgem inacessível. Ela é morena, mas bonita. Seu cabelo preto-azulado pende bem baixo sobre seu corpo nu; suas massas protegem a pele marrom quente, trêmula e nervosa dos raios diretos do sol. Ela não usa roupas nem qualquer ornamento. Seus olhos são escuros, ferozes e ternos: sua boca suave e natural como os lábios de uma flor desabrochando. Ela é absolutamente perfeita em sua beleza selvagem simples e na majestade natural de sua feminilidade, virgem em si mesma e virgem na qualidade de sua raça, que é inculta, não degradada. Mas em seu rosto sublimemente natural está o amanhecer de uma grande tragédia. Sua alma, seu pensamento, está lutando para despertar. Ela fez uma ação que lhe pareceu bastante simples, bastante natural; no entanto, agora que está feita, uma vaga perplexidade está surgindo dentro de sua mente obscura. Vagando parala e para cá sob as ricas massas de galhos carregados de flores, ela pela primeira vez se esforça para questionar a si mesma. Não encontrando nenhuma resposta interior, ela vai novamente olhar para o que fez.

Uma forma jaz imóvel no chão, na sombra mais espessa das ricas árvores frutíferas. Um jovem, um de sua própria tribo, bonito como ela, e com força e vigor escritos em cada linha de sua forma. Mas ele está morto. Ele era seu amante, e ela achou seu amor doce, mas com um movimento selvagem e traiçoeiro de seu braço forte e flexível ela o matou. O sangue fluiu de sua testa onde a pedra afiada fez a ferida mortal. O sangue vital se esvaiu de sua

forma jovem e forte; um momento atrás seus lábios ainda tremiam, agora eles estavam parados. Por que ela havia tirado aquela bela vida neste momento de paixão feroz? Ela o amava tanto quanto seu coração inculto sabia amar; mas ele, exultando em sua força maior, tentou arrebatar seu amor antes que estivesse maduro. Era apenas uma flor, como as flores brancas acima: ele a teria pegado com mãos fortes como se fosse uma fruta madura e pronta. E então, em uma súbita chama de nova emoção maravilhosa, a mulher percebeu que o homem era seu inimigo, que ele desejava ser seu tirano. Até agora, ela o havia pensado como ela mesma, uma coisa a amar como ela se amava, com uma confiança cega e irrefletida. E ela agiu apaixonadamente sob a orientação dessa coisa — sentimento — que até agora ela nunca havia conhecido. Ele, desacostumado a qualquer traição ou raiva, não suspeitou de nenhum ato estranho dela e, portanto, desavisado, desavisado, ele estava à mercê dela. E agora ele jazia morto a seus pés. E ainda assim o sol forte brilhava através das folhas verdes e flores prateadas e brilhava em seus cabelos negros e pele morena macia. Ela era linda como a manhã quando se erguia sobre as copas das árvores daquela floresta mundialmente antiga. Mas há uma nova maravilha em seus olhos escuros; uma pergunta que não estava lá até que esta hora estranha e potente chegou a ela. Que eras devem passar por seu espírito opaco antes que ele possa proferir a pergunta; antes que ele possa ouvir e ouvir a resposta?

A mulher selvagem, sem nome, desconhecida, exceto por sua tribo, que a considera tão indiferentemente quanto qualquer criatura da floresta, não tem ninguém para ajudá-la ou impedir o início do grande rolo da onda de energia que ela iniciou. Cegamente, ela vive suas próprias emoções. Ela está insatisfeita, inquieta, consciente de algum erro. Quando ela deixa o pomar de árvores frutíferas selvagens e vagueia de volta para a parte mais clara da floresta sob as grandes árvores, onde sua tribo mora, quando ela retorna entre elas, seus lábios estão mudos, sua voz está silenciosa. Ninguém jamais ouviu que ele, aquele que ela amava, havia morrido por suas mãos, pois ela não sabia como enquadrar ou contar essa história. Era um mistério para ela, essa coisa que havia acontecido. No entanto, isso a deixou triste, e seus grandes olhos tinham um olhar mudo de desejo. Mas ela era muito bonita e logo outro jovem e robusto amante estava sempre ao seu lado. Ele não a agradava; não havia o brilho em seus olhos que a alegrava naqueles do morto a quem ela amava. E ainda assim ela não se encolheu dele nem levantou o braço com raiva, mas o manteve firme ao seu lado para que sua paixão não se soltasse desprevenida. Pois ela sentia que havia trazido uma carência, um desespero sobre si mesma por sua ação anterior; e agora ela determinou que agiria de forma diferente. Cegamente, ela tentou aprender a lição que havia caído sobre ela. Cegamente, ela se deixou ser a agente de sua própria vontade. Pois agora ela se tornou a escrava e serva voluntária de alguém a quem ela não amava, e cuja paixão por ela era cheia de tirania. No entanto, ela não resistiu, ela não ousou, a essa tirania; não porque ela o temesse, mas porque ela temia a si mesma. Ela tinha a sensação que alguém poderia ter que entrou em contato com uma nova e até então desconhecida força natural. Ela temia que a resistência ou a independência trouxessem sobre ela uma admiração maior, uma tristeza e uma perda maiores do que aquelas que ela já havia trazido sobre si mesma.

E assim ela se submeteu àquilo que em sua primeira juventude não teria sido mais suportado por ela do que o freio do cavalo selvagem.

A flor de damasco caiu e a fruta a seguiu; as folhas caíram e as árvores estão nuas. O céu está cinza e selvagem acima, o chão úmido e macio com folhas caídas abaixo. O aspecto do lugar mudou, mas é o mesmo; o rosto e a forma da mulher mudaram; mas ela é a mesma. Ela está sozinha novamente no pomar selvagem, encontrando seu caminho por instinto para o local onde seu primeiro amante morreu. Ela o encontrou. O que há lá? Alguns ossos brancos que jazem juntos; um esqueleto. Os olhos da mulher se fixam e se alimentam da visão e crescem grandes e terríveis. O horror finalmente atinge sua alma. Isso é tudo o que resta de seu jovem amor, que morreu por sua mão — ossos brancos que jazem em ordem medonha! E os longos dias quentes e as noites abafadas de sua vida foram dados a um tirano que não colheu nenhuma alegria e nenhuma satisfação de sua submissão; pois ele ainda não aprendeu nem mesmo a diferença entre mulher e mulher. Todos são meras criaturas como as coisas selvagens; criaturas para caçar e conquistar. Embotadamente em seu coração escuro, questionamentos estranhos surgem. Ela se afasta deste cemitério de seu tempo inquestionável e volta para sua escravidão. Ao longo dos anos de sua vida, ela espera

e se pergunta, olhando fixamente para a vida ao seu redor. Nenhuma resposta virá à sua alma?

DEPOIS DO SONO, DESPERTAR.

Esplêndido era o véu que a protegia daquela outra alma, a alma que ela conhecia e da qual ela demonstrava seu reconhecimento por um amor rápido e repentino. Mas o véu as separava; um véu pesado de ouro e brilhante com estrelas de prata. E enquanto ela olhava para essas estrelas, com admiração encantada de seu brilho, eles cresceram mais e mais, até que finalmente se misturaram, e o véu se tornou um brilho brilhante deslumbrante com bordados dourados. Então ficou mais fácil ver através do véu, ou melhor, pareceu mais fácil para esses amantes. Pois antes o véu fazia a forma parecer opaca; agora parecia gloriosa e idealmente bela e forte. Então a mulher estendeu a mão, esperando obter a pressão de outra mão através da teia brilhante. E no mesmo instante ele também estendeu a mão, pois naquele momento suas almas se comunicaram, e eles se entenderam. Suas mãos se tocaram; o véu foi quebrado; o momento de alegria terminou e novamente a luta começou.

UMA VIDA ÚTIL.

Sentada, cantando, nos degraus de um antigo palácio, seus pés chapinhando na água de um canal largo, estava uma criança que estava se tornando mais do que uma criança; uma criatura no limiar da vida, de despertar sensações. Uma garota, com cabelos dourados avermelhados e inocentes olhos azuis, que tinham em suas profundezas vívidas o estranho olhar assustado de uma criatura selvagem. Ela era tão simples e isolada em sua felicidade quanto qualquer animal da floresta ou das colinas — o sol, o ar doce com o leve sabor desal nele, sua própria voz pura e clara de menina e as canções alegres do povo que ela cantava — eram prazer suficiente e de sobra para ela.

Mas o espaço de felicidade ou infelicidade inconsciente que anuncia os eventos reais de uma vida já estava no fim. A grande onda que ela havia posto em movimento estava aumentando em volume incessantemente; quanto tempo antes que ela atinja a costa e quebre naquela costa distante? Ninguém pode saber, exceto aqueles cuja visão é maior que a do homem. Ninguém pode dizer; e ela é ignorante, desconhecadora. Mas embora ela não saiba nada sobre isso, ela está dentro do alcance da onda, e é impotente para detê-la até que sua alma desperte.

“Minha flor, minha linda flor selvagem”, disse uma voz próxima a ela. Um jovem barqueiro havia trazido sua pequena embarcação tão gentilmente até os degraus que ela não havia notado sua aproximação. Ele se inclinou sobre seu barco em direção a ela e tocou seus pés brancos e descalços com a mão.

“Venha comigo, Flor Selvagem”, ele disse. “Deixe esse lar miserável ao qual você se apegou. O que há para mantê-la lá agora que sua mãe está morta? Seu pai é como um selvagem e faz você viver como um selvagem também. Venha comigo, e viveremos entre pessoas que a amarão e a acharão bonita como eu. Você virá? Quantas vezes eu perguntei a você, Flor Selvagem, e você nunca respondeu. Você responderá agora?”

“Sim”, disse a garota, erguendo os olhos com olhos graves e sérios, que tinham por trás de sua beleza um significado melancólico, uma pergunta triste.

O homem viu esse olhar estranho e o interpretou da forma mais clara que pôde.

“Confie em mim”, ele disse, “eu não sou um selvagem como seu pai. Quando você for minha pequena esposa, eu cuidarei de você muito mais do que de mim mesmo. Você será minha alma, meu guia, minha estrela. E eu a protegerei como minha alma é protegida dentro do meu corpo, seguirei você como meu guia, olharei para você como para uma estrela nos céus azuis. Certamente você pode confiar em meu amor, Wild Blossom.”

Ele não havia respondido à dúvida em seu coração, pois não havia adivinhado o que era, nem ela poderia ter lhe contado. Pois ela ainda não havia aprendido a saber o que era, nem a saber mais do que aquilo a perturbava. Mas ela deixou isso de lado e silenciou agora, pois o momento havia chegado para fazê-lo. Até que ela tivesse aprendido sua lição muito mais completamente, a questão poderia ser expressada até mesmo para sua própria alma, e antes que isso pudesse ser, a questão deveria ser silenciada muitas vezes.

“Sim”, ela disse, “eu irei”.

Ela estendeu a mão para ele como se fosse selar o pacto. Ele interpretou o gesto como seu próprio desejo, e pegando a mão dela na sua, puxou-a para si. Ela cedeu e entrou no barco. E então ele rapidamente se afastou dos degraus e, mergulhando os remos na água, logo se afastou muito pelo canal. Blossom, olhando seriamente para trás, observou o velho palácio desaparecer. Em alguns de seus antigos cômodos e em seus degraus ensolarados, sua vida de criança havia sido gasta. Agora ela sabia que isso estava no fim. Ela entendeu que tudo havia mudado dali em diante, embora não pudesse adivinhar para onde estavam indo, e esperou por seu futuro com uma estranha confiança no companheiro que havia aceitado. Isso a intrigou vagamente. No entanto, como ela poderia não ter confiança, tendo-o conhecido há muito tempo e jogado fora seu amor e sua vida sob as árvores selvagens de damasco, tendo visto depois a firmeza de seu amor quando sua alma estava ao lado da dele na vida da alma?

Eles percorreram um longo caminho no pequeno barco. Eles deixaram os canais e foram para o mar aberto, e ainda assim o barqueiro remava incansavelmente, seus olhos o tempo todo na bela flor selvagem que ele havia arrancado e levado consigo para ser sua, sua querida e adorada posse. Longe ao longo da costa ficava uma pequena vila de cabanas de pescadores. Foi para lá que o jovem guiou seu barco, pois era ali que ele morava.

Na porta de seu berço estava sua velha mãe, uma velha pitoresca com rosto enrugado e rosado, usando um vestido áspero de pescadora e um xale grosseiro; sua mão morena sombreava seus olhos enquanto ela observava o barco de seu filho se aproximando. Logo um sorriso surgiu em sua boca. “Ele conseguiu a flor da qual tanto falava em seu sono. Ele ficará feliz agora, o bom rapaz?”

Ele era realmente um bom rapaz; pois sua mãe o conhecia bem, e quanto mais ela o conhecia, mais profundo crescia seu amor. Ela faria qualquer coisa por sua felicidade. E agora ela tomou nos braços a criança, a Flor, e a acariciou por ele. Antes que muitos dias se passassem, a vila de pescadores fez um dia *de festa* para o casamento de seu barqueiro mais forte. E os olhos das mulheres se encheram de lágrimas quando olharam para o rosto triste, terno e questionador da bela Flor Selvagem.

Ela havia dado seu amor sem hesitação, em completa confiança. Ela havia dado mais; ela mesma, sua vida, sua própria alma. A rendição agora estava completa.

E agora, quando tudo parecia feito e realizado, sua pergunta começou a ser respondida. Ela sabia vagamente que, apesar do marido a cujos pés ela se curvava, apesar dos bebês que ela carregava em seus braços até que seus pezinhos fossem fortes o suficiente para carregá-los pela costa até a margem das águas azuis, apesar da casa de campo que ela enfeitava, limpava e amava tanto, apesar de tudo, seu coração estava faminto e vazio. O que poderia significar, que embora ela tivesse tudo, ela não tinha nada? Blossom era uma mulher agora, e havia algumas linhas de cuidado e dor em sua testa. No entanto, ainda assim, ela era linda e ainda carregava seu nome de infância de Blossom; mas a beleza de seu rosto ficava mais triste e estranha com o passar dos anos, os anos que trazem facilidade e satisfação à alma estagnada. A alma de Wild Blossom estava ansiosa e ansiosa; ela não conseguia acalmar as vozes misteriosas de seu coração, e estas lhe diziam (embora talvez ela nem sempre entendesse sua fala) que seu marido não era na realidade seu rei; que ele não ouviu nenhum som daquela região interna na qual ela existia principalmente. Para ele, o contentamento existia na vida externa que ele vivia, no puro prazer físico, na excitação do trabalho duro e nos perigos do mar, na beleza de sua esposa, na alegria de seus filhos felizes. Ele não pediu mais nada. Mas os olhos de Wild Blossom tinham a luz profética neles. Ela viu que toda essa paz deveria passar, esse prazer acabar; ela reconheceu que essas coisas não satisfaziam, não poderiam satisfazer, absolutamente o espírito; sua alma parecia tremer dentro dela quando ela começou a sentir o primeiro amanhecer da terrível resposta ao seu triste questionamento.

Um sonho mais profundo de descanso;
Um despertar mais forte.

Muitos anos depois, uma mulher solitária morava na casa de pescador na costa do mar azul. Ela era velha e curvada pela idade e pelos problemas. Mas ainda assim seus olhos

eram mais brilhantes do que os de qualquer garota da vila, e continham neles a misteriosa beleza da alma; ainda assim seu cabelo, antes dourado, agora grisalho, balançava sobre sua testa. As pessoas a amavam e eram gentis com ela, pois ela sempre foi gentil e cheia de pensamentos generosos. Mas eles nunca a entenderam, pois estavam muito tempo atrás dela em seu crescimento. Ela estava pronta agora para o grande teste central da existência pessoal; a experiência da vida na civilização. Quando a velha peixeira estava morta dentro de sua casa, e as pessoas vieram lamentar ao lado de seu corpo, eles mal imaginavam que ela estava indo para um futuro grande e glorioso; um futuro cheio de ousadia e perigo. Quando seus olhos se fecharam na morte, seus olhos interiores se abriram em uma visão que a encheu de alegria absoluta. Ela estava em um jardim de árvores frutíferas, e a flor das árvores estava no auge. Quando seus olhos caíram sobre este labirinto branco de flores e beberam em sua beleza, ela se lembrou do nome que ela tinha carregado na terra evagamente entendeu seu significado. As flores esconderam dela o céu e tudo mais até que uma pressão suave em sua mão atraiu seus olhos para baixo; e então ela viu ao seu lado aquele a quem ela havia amado através dos tempos, e que, lado a lado com ela, estava experimentando o profundo mistério, e aprendendo a estranha lição da encarnação no mundo onde o sexo é o primeiro grande professor. E com cada fase da existência que eles passavam, esses dois forjavam elos cada vez mais fortes que os mantinham juntos e os compeliavam a se encontrarem novamente e novamente, de modo que juntos eles estavam destinados a passar pela hora vital; a hora em que a vida é moldada para fins maiores ou para ações vãs.

Aqui dentro deste lugar abrigado, onde flores enchiam o ar com doçura e beleza, pareciam-lhes que tinham atingido o pleno prazer. Eles descansavam em perfeita satisfação, bebendo grandes goles da alegria de viver. Para eles a existência parecia um fato final e esplêndido em si mesma; existência como eles a tinham então. O momento em que viviam era suficiente, eles não desejavam nenhum outro, nem qualquer outro lugar, nem qualquer outrabeleza, além daqueles que tinham. Ninguém sabe e ninguém pode dizer que tempo ou idade se passaram neste profundo contentamento e realização de prazer. Por fim, a alma de Wild Blossom acordou de seu sono, saciada; a fome voltou a roer seu coração; o desejo de saber reafirmouse. Segurando firme a mão que segurava na sua, ela saltou do sofá macio em que estava deitada. Então, pela primeira vez, ela percebeu que o chão era tão macio e agradável, porque ali, onde ela havia se deitado, haviam caído grandes montes de flores de frutas caídas. O chão estava todo branco com elas, embora algumas tivessem começado a perder sua delicada beleza, a enrolar, enrugar e escurecer. Então ela olhou para cima e viu que as árvores tinham, com a perda das pétalas delicadas, perdido sua primeira beleza, o esplendor da primavera. Agora elas estavam cobertas de frutas pequenas, duras e verdes, mal formadas, feias aos olhos, duras ao toque, ácidas ao paladar. Com um estremecimento de arrependimento pelo doce tempo de primavera que se foi, Wild Blossom correu para longe das árvores, ainda segurando firme aquela outra mão na sua. Ela iria enfrentar novas e estranhas experiências, talvez perigos terríveis: sua tarefa era mais fácil por aquela companhia experimentada, pela proximidade daquele outro que estava subindo a mesma escada íngreme da vida.

FIM DA INTRODUÇÃO.

CAPÍTULO I.

Em um baile de máscaras há um elemento de aventura que apela à ousadia de ambos os sexos, aos espíritos brilhantes e espirituosos. Hilary Estanol era exatamente um deles, como o herói de uma festa brilhante deveria ser. Um lindo garoto, com um rosto adorável e olhos que tinham neles uma profunda tristeza. Em repouso, seu rosto era quase feminino em sua suavidade; mas um brilho frio estava em seu sorriso, um certo ligeiro cinismo coloria toda a sua fala. No entanto, Hilary não tinha razão para ser cínico, e ele não era alguém que adotasse nada da moda ou afetação. A fonte dessa frieza e indiferença indevidas estava nelemesmo.

Esta noite ele era o centro das atrações nas salas de estar de Madame Estanol. Este *baile de máscaras* era para celebrar sua maioridade, e Hilary nunca pareceu tão feminino como quando ele estava entre seus amigos recebendo seus parabéns e admirando seus presentes.

Ele usava o traje de um trovador, e era um que lhe caía bem, não apenas em seu pitoresco traje, mas nas exigências do personagem. Ele tinha a faculdade do improvisador, sua voz era rica e suave, seus dons musicais e poéticos rápidos e versáteis. Hilary era adorado por seus amigos, mas detestado, na verdade quase odiado, por sua única parente próxima, sua mãe. Ela estava parada perto dele agora, conversando com um grupo que se reunira ao seu redor. Ela era uma das mulheres mais inteligentes da época e, ainda bonita e cheia de um orgulho encantador, mantinha uma corte própria. Sua antipatia por Hilary era fundada em sua estimativa de seu caráter. Para uma de suas amigas íntimas, ela havia dito, não muito antes daquela noite, “Hilary desonrará seu nome e sua família antes que haja um fio grisalho em seu cabelo escuro. Ele tem as qualidades que trazem desespero e garantem remorso. Deus certamente me perdoará por eu dizer isso do meu filho; mas eu vejo isso diante de mim, um abismo para o qual ele me arrastará com ele; e eu espero por isso todos os dias.”

Um convidado, recém-chegado, aproximou-se de Madame Estanol com um sorriso e, após cumprimentá-la afetuosamente, disse, num sussurro: “Trouxe uma amiga comigo. Dê-lhe as boas-vindas em seu caráter de cartomante. Ela é muito espirituosa e nos divertirá em breve, se quiser.”

Ela se afastou um pouco, e Madame Estanol viu parada atrás dela uma figura curvada, uma velha senhora abatida, com a cabeça paralisada e uma mão que tremia ao agarrar sua bengala.

“Ah, Condessa! É impossível reconhecer sua amiga sob esse disfarce,” disse Madame Estanol. “Você não vai me dizer quem ela é?”

“Estou prometida a não dizer nada além de que ela é uma cartomante”, disse a Condessa Bairoun. “Seu nome ela mesma revelará apenas a uma pessoa; e essa pessoa deve nascer sob a estrela que favoreceu seu próprio nascimento.”

A cartomante virou a cabeça inclinada para Madame Estanol e fixou um par de olhos brilhantes e fascinantes nos dela. Imediatamente Madame Estanol percebeu um forte encanto que a atraiu para essa pessoa misteriosa. Ela avançou e estendeu a mão para ajudar a velha a atravessar a sala.

“Venha comigo”, ela disse, “gostaria de lhe apresentar meu filho. Ele é o herói desta cena esta noite, pois o baile é realizado em homenagem à sua maioridade.”

Eles passaram juntos pelos mascarados que agora começavam a lotar as grandes salas de estar, e todos se viraram para olhar a estranha figura da velha cambaleante. Hilary Estanol estava encostado na alta moldura de carvalho esculpido da lareira da sala de estar interna, cercado por um grupo risonho de seus amigos íntimos. Ele segurava sua máscara na mão e, enquanto estava ali sorrindo, seus cachos escuros caindo sobre sua testa, sua mãe pensou, ao se aproximar dele: “Meu filho fica mais bonito a cada hora de sua jovem vida alegre”. Quando Hilary viu a estranha companheira de sua mãe, ele deu um passo, como se fosse recebê-la, mas Madame Estanol o deteve com um sorriso. “Não posso apresentar nossa visitante a você”, disse ela, “pois não sei seu nome. Ela o contará apenas a uma pessoa, que deve ter nascido sob a mesma estrela que ela. Enquanto isso, devemos cumprimentá-la em seu caráter de cartomante”.

Este anúncio foi recebido com um murmúrio de diversão e interesse.

“Então nossa gentil visitante talvez exerça seu ofício para nós?” perguntou Hilary, olhando com curiosidade para a cabeça trêmula e os cabelos grisalhos diante dele. A velha virou a cabeça de lado e lançou-lhe um olhar daqueles estranhos olhos brilhantes. Ele também, como sua mãe, sentiu o encanto deles. Mas ele sentiu mais. Algo de repente despertou dentro dele; uma onda de emoções inexplicáveis o despertou em espanto; ele colocou a mão na testa; ele estava perplexo, quase desmaiando.

Havia uma pequena sala de estar que se abria para fora da sala em que estavam. Era tão pequena que continha apenas uma mesa coberta de flores, um sofá baixo e uma poltrona. O grupo risonho que cercava Hilary foi ansiosamente para converter esta sala no santuário da profetisa. Eles abaixaram e suavizaram a luz sombreada; fecharam as persianas e fecharam as portas, trancando todas, exceto uma. Ali foi colocada uma guardiã que deveria admitir de má vontade e uma por uma aquelas que tivessem a sorte de falar a sós com a sibila, pois ela só veria alguns dos convidados que ela mesma selecionasse da multidão, descrevendo sua aparência e vestimenta para a guardiã de seu templo improvisado. Todas eram mulheres de grande posição. Entraram rindo e meio desafiadoras. Saíram, algumas pálidas, algumas

vermelhas, algumas trêmulas, algumas em lágrimas. "Quem pode ser ela?", sussurravam em tons aterrorizados umas para as outras, e naquele terror mostrava como ela havia penetrado seus corações e tocado em seus pensamentos secretos.

Por fim, o guardião da porta disse que o próprio Hilary deveria entrar.

Quando Hilary entrou, o jovem, ao fechar a porta na a cartomante e seu novo convidado se viraram com uma risada para o grupo atrás dele.

"Ela já o assustou", ele disse, "eu o ouvi soltar quase um grito quando ele entrou."

"Você conseguiu ver lá dentro?" perguntou um, "talvez ela tenha tirado o disfarce para o anfitrião!"

"Não, eu não vi nada", ele respondeu. "Nenhum de vocês que esteve aqui consegue adivinhar quem ela é?"

"Não", respondeu uma garota que havia saído da provação com lábios brancos e trêmulos. "É impossível adivinhar. Ela sabe de tudo."

Era como eles supunham. Ela havia tirado o disfarce para seu anfitrião. O cajado, a capa grande, a peruca e o gorro estavam no chão. Com o uso rápido de um lenço cosmético, ela havia removido de sua pele clara a tez escura da antiga sibila. Quando Hilary entrou, ela havia completado esta rápida toaleta e estava sentada recostada em uma cadeira baixa. Ela estava vestida com um rico traje de noite; ela segurava uma máscara na mão pronta para uso. Mas agora seu rosto estava descoberto; seus olhos estranhos e brilhantes estavam fixos em Hilary; sua bela boca exibiu um meio sorriso de diversão com sua surpresa. Era mais do que surpresa o que ele experimentou. Mais uma vez, aquela onda de emoção inexplicável o dominou. Ele se sentiu como alguém embriagado. Ele a olhou muito seriamente por alguns momentos.

"Certamente", ele disse, "já nos conhecemos antes!"

"Nós nascemos sob a mesma estrela", ela respondeu com uma voz que o emocionou. Até agora ele não a tinha ouvido falar. A sensação de algum forte elo ou associação que os unia, era duplamente forte pelo som daquela voz, rica, forte e suave. De repente ele reconheceu o significado de sua emoção. Ele não lutava mais contra ela, ele não estava mais perplexo com ela.

Ele se aproximou dela e sentou-se no sofá ao lado dela. Ele a olhou com admiração e adoração, mas não mais com espanto ou surpresa. Pois ele entendeu que o evento que ele havia imaginado que nunca aconteceria já estava aqui — ele estava apaixonado.

"Você disse que revelaria seu nome para aquele que nasceu sob a mesma estrela que você."

"Você não me conhece?" ela disse com um leve olhar de surpresa. Ela imaginou que todos a conheciam pelo menos de vista.

"Não", ele respondeu, "embora eu esteja realmente perplexo ao pensar que poderia ter vivido sem conhecê-la".

A bajulação não produzia efeito algum sobre ela, ela vivia em uma atmosfera de bajulação.

"Eu sou a Princesa Fleta," ela respondeu. Hilary começou e corou um pouco com as palavras, e mal conseguia controlar sua emoção. A Princesa Fleta ocupava uma posição na sociedade do país, que só pode pertencer a alguém que está ao lado de um trono que governa um importante nação. Ela era uma personagem entre cabeças coroadas, alguém a quem um imperador poderia, sem se curvar, oferecer seu amor; e Hilary, filho de um oficial do exército austríaco e de uma filha pobre de uma família aristocrática decadente, Hilary tinha, na rápida agitação do amor à primeira vista, dito ao seu próprio coração que a amava! Isso nunca poderia ser desdito, e ele sabia disso. Ele havia sussurrado as palavras dentro de si, o sussurro encontraria cem ecos. Ele deveria amá-la sempre.

A princesa voltou seus olhos maravilhosos para ele e sorriu.

"Eu fiz meu trabalho para esta noite," ela disse. "Eu diverti algumas pessoas, agora eu gostaria de dançar."

Hilary era cortesão o suficiente para não ser surdo a esse comando, embora toda a sua alma estivesse em seus olhos e todos os seus pensamentos fixos em sua beleza. Ele se levantou e lhe ofereceu seu braço, ela colocou sua máscara e eles saíram da sala. Quando Hilary apareceu entre a multidão que se aglomerava em volta da porta do santuário da cartomante, acompanhada por uma mulher esbelta e graciosa, cujo rosto estava escondido exceto pelos grandes olhos escuros, houve um murmúrio irreprimível de excitação e

admiração. "Quem pode ser ela?" foi repetido novamente uma centena de vezes. Mas ninguém adivinhou. Ninguém sonhou que esta poderia ser a própria Princesa Fleta; pois havia poucas casas que ela visitaria, e ninguém imaginava que poderia haver qualquer incentivo para levá-la à Madame Estanol. O mistério de sua presença ela explicou a Hilary enquanto dançavam juntas.

"Sou uma estudante de magia", ela disse, "e já aprendi alguns segredos úteis. Posso ler os corações dos cortesãos que me cercam, e sei onde procurar por amigos verdadeiros. Ontem à noite sonhei com o amigo que encontraria aqui. Você se importa com essas ocupações místicas?"

"Não sei nada sobre eles", disse Hilary.

"Deixe-me lhe ensinar então," disse a Princesa, com uma risada leve. "Você será uma boa aluna, isso eu sei. Talvez eu possa fazer de você uma discípula! E não há muitos com quem isso seja possível."

"E por quê?" perguntou Hilary. "Certamente é um estudo fascinante para aqueles que podem acreditar nos segredos."

"O ceticismo não é a grande dificuldade", respondeu a Princesa, "mas o medo. O terror afasta a multidão do limiar. Apenas alguns ousam cruzá-lo."

"E você é uma das poucas", disse Hilary, olhando para ela com olhos de admiração ardente.

"Eu nunca senti medo", ela respondeu.

"E seria impossível fazer você sentir isso, eu me pergunto", disse Hilary.

"Você deseja tentar?" ela respondeu, com um sorriso diante do discurso ousado dele. Não souou tão cheio de impertinência quanto parece, pois os olhos e o rosto de Hilary estavam todos iluminados com amor e admiração, e sua voz tremia de paixão.

"Você pode tentar se quiser", ela disse, olhando para ele com aqueles olhos estranhos dela. "Me aterrorize se puder."

"Não aqui, na minha própria casa, não seria hospitaleiro."

"Venha me ver, então, algum dia quando você achar que isso vai te divertir. Tente me assustar. Eu lhe mostrarei meu laboratório, onde produzo essências e incensos para agradar os gnomos e ghouls."

Hilary aceitou o convite com grande prazer.

"Leve-me até a Condessa", ela disse finalmente. "Estou indo para casa. Mas quero que ela primeiro me apresente à sua mãe."

A Condessa ficou encantada que a Princesa tivesse se decidido a isso. Ela dificilmente pensou que Madame Estanol ficaria satisfeita em descobrir que a grande dama estava se mascarando em sua sala de estar, e não se importou em tirar seu disfarce nem mesmo para sua anfitriã. E a Condessa valorizava a amizade de Madame Estanol; então ela estava feliz que a Princesa voluntariosa tivesse decidido tratá-la com polidez.

Madame Estanol mal conseguia esconder sua surpresa ao saber qual era a dignidade que estava escondida sob o disfarce da velha cartomante. A princesa não tirou a máscara e, com uma risada, avisou Madame Estanol que alguns de seus convidados não ficariam satisfeitos em descobrir quem era a sibila que havia lido seus corações tão astutamente.

Quando ela se foi, o coração e o espírito de Hilary se foram com ela. Parecia que ele mal se importava em falar; sua risada havia morrido completamente. Seus pensamentos, seu próprio eu, seguiram a personalidade fascinante que o havia enfeitado.

Madame Estanol viu sua abstração, seu olhar ansioso e corado, e a nova suavidade de seus olhos. Mas ela não disse nenhuma palavra. Ela temia a Princesa, que era bem conhecida por ser cheia de caprichos e teimosias. Ela temia que Hilary fosse louca osuficiente para ceder ao encanto da beleza e dos modos confiantes da garota; o encanto do poder, peculiar, ou melhor, possível apenas a alguém em um lugar real. Mas ela não diria nenhuma palavra; conhecendo Hilary bem, ela sabia que qualquer tentativa de influenciá-lo contra isso apenas intensificaria sua nova paixão.

CAPÍTULO II.

Dois dias depois, Hilary criou coragem para fazer a visita à Princesa. Ele pensou que ela não poderia considerar que fosse muito cedo, pois lhe parecia que já fazia dois meses desde que a vira.

Ela morava em uma casa de jardim a cerca de duas ou três milhas de distância, no campo. O palácio de seu pai na cidade nunca lhe agradou; ela só ia lá quando festividades ou cerimônias tornavam sua presença necessária. No campo, com sua acompanhante e suas criadas, ela era livre para fazer o que quisesse. Pois todas tinham medo dela e tinham seu “laboratório” no mais profundo respeito. Nenhuma delas teria entrado naquele cômodo, exceto para evitar alguma terrível desgraça.

Hilary foi levada até a princesa no jardim, onde ela foi caminhando para lá e para cá em uma avenida de árvores cobertas de flores perfumadas. Ela recebeu Hilary de maneira encantadora, e a hora que ele passou com ela ali ao sol foi uma das mais selvagens intoxicações. Eles começaram a jogar abertamente o lindo jogo do amor. Agora que nenhum olhar estava sobre eles, a Princesa o deixou esquecer que ela pertencia a uma categoria diferente da dele. Quando ela se cansou de andar, “Venha”, ela disse, “e eu lhe mostrarei meu laboratório. Ninguém nesta casa jamais entra nele. Se você disser na cidade que esteve naquele quarto, será cercado de perguntas. Tenha cuidado para não dizer nada.”

“Eu morreria mais cedo”, exclamou Hilary, para quem a ideia de falar sobre a princesa e seus segredos parecia um sacrilégio.

O quarto não tinha janelas, perfeitamente escuro, exceto por uma luz suave lançada por uma lâmpada no centro do teto alto. As paredes eram pintadas de preto e nelas havia figuras e formas estranhas desenhadas em vermelho. Estas evidentemente não tinham sido pintadas por nenhuma mão de arteção; embora ousadas no toque, eram irregulares no acabamento. Ao lado de um grande vaso que estava no chão, havia uma cadeira, e nesta cadeira uma figura na qual a atenção de Hilary imediatamente se fixou.

Ele viu imediatamente que não era humano, que não era uma figura leiga, que não era uma estátua. Parecia mais uma figura leiga, mas havia algo estranho sobre ela que não existe na mera forma em que as cortinas são penduradas. E seus detalhes eram elaborados; a pele era tingida, os olhos escurecidos corretamente, o cabelo parecia ser humano. Hilary permaneceu na porta, incapaz de avançar por causa do fascínio que essa forma exercia sobre ele.

A princesa olhou para trás, de onde estava no centro da sala, sob a luz; ela viu a direção do olhar dele e riu.

“Você não precisa ter medo disso”, ela disse.

“É uma figura leiga?” perguntou Hilary, tentando falar com facilidade, pois ele se lembrava de que ela desprezava aqueles que conheciam o medo.

“Sim”, ela respondeu, “é minha figura leiga”.

Havia algo que intrigou Hilary em seu tom.

“Você é um artista?” ele perguntou.

“Sim,” ela respondeu, “na vida—na natureza humana. Eu não trabalho com um lápis ou pincel; eu uso um agente que não pode ser visto, mas pode ser sentido.”

“O que você quer dizer?” perguntou Hilary.

Ela lançou-lhe um olhar estranho, que a princípio era desconfiado, mas depois se tornou suave e terno.

“Não vou te contar ainda”, ela disse.

Hilary se levantou para responder-lhe levemente.

“Terei que passar por alguma provação antes que você me diga?” ele perguntou.

“Sim,” ela respondeu alegremente, “e já uma provação o aguarda. Você ousa avançar para o quarto ou não?”

Hilary fez um grande esforço para quebrar o feitiço que estava sobre ele. Ele atravessou apressadamente a sala até onde ela estava. Então ele percebeu que ele realmente havia passado por uma provação. Ele havia resistido a alguma força, cuja natureza ele não conhecia, e havia saído vitorioso. Perceber isso lhe trouxe outra convicção.

“Princesa,” ele disse, “há mais alguém nesta sala além de você e eu. Não estamos sozinhos.”

Ele falou tão de repente, e com uma sensação tão grande de surpresa assustada, que não parou para pensar se sua pergunta era sábia ou não. A princesa riu enquanto olhava para ele.

“Você é muito sensível”, ela disse. “Certamente nascemos sob a mesma estrela, pois somos suscetíveis às mesmas influências. Não, não estamos sozinhos. Tenho servos aqui que nenhum olho viu além dos meus. Você gostaria de vê-los? Não diga sim precipitadamente. Isso significa um longo e tedioso aprendizado, obtendo maestria sobre

esses servos. Mas, a menos que você os conquiste, não poderá me ver com frequência; pois se estiver muito perto de mim, eles o odiarão, e o ódio deles é maior do que seu poder de resistir a ele.”

Ela falou seriamente agora, e Hilary sentiu uma sensação estranha enquanto olhava para essa linda garota parada sob a luz da lâmpada. Ele experimentou um medo repentino dela como de alguém mais forte do que ele; e também um desejo apaixonado de servi-la, de ser seu escravo, de dar sua vida a ela completamente. Talvez ela tenha lido o amor em seus olhos, pois ela se virou e foi em direção à figura na cadeira.

“Sei que isso o aflige”, ela disse. “Você não verá mais isso.” Ela abriu uma grande tela que era formada por um material dourado coberto com formas delineadas em preto. Ela organizou isso de modo que a figura ficasse completamente escondida da vista, assim como o grande recipiente que estava ao lado dela.

“Agora”, ela disse, “você vai respirar mais livremente. E eu vou te mostrar uma coisa. Nós não saímos do sol sem motivo. E precisamos ser rápidos, pois minha boa tia vai ficar apavorada quando descobrir que eu trouxe você aqui. Acredito que ela dificilmente esperará te ver vivo novamente.”

Ela abriu um recipiente de ouro, que estava sobre um armário, enquanto falava, e o ar imediatamente ficou cheio de um forte perfume doce. Hilary colocou a mão na testa. Seria possível que ele pudesse ser tão imediatamente afetado, ou era sua imaginação que as formas e figuras vermelhas que estavam na parede preta se moviam, se ordenavam e se organizavam? No entanto, assim era; aos seus olhos, as formas se misturavam e novamente se separavam e se misturavam novamente. Uma palavra foi formada e depois outra. Foi inconscientemente impressa na memória de Hilary antes de mudar e desaparecer; ele percebeu apenas a ocorrência misteriosa que estava acontecendo diante de seus olhos. De repente, ele percebeu que uma frase havia sido completada; que palavras haviam sido escritas ali que ele nunca ousaria pronunciar; que na parede diante dele havia aparecido em letras como de fogo o segredo de seu coração. Ele cambaleou para trás e desviou os olhos com dificuldade da parede para fixá-los com espanto e medo. sobre a Princesa. Seu rosto estava vermelho, seus olhos estavam brilhantes e ternos.

“Você viu?” ele perguntou com a voz trêmula.

Por um momento ela hesitou e então respondeu: “Sim, eu vi.”

Houve um breve silêncio. Hilary olhou novamente para a parede, esperando ver o pensamento em sua mente escrito ali. Mas as formas estavam retornando à sua aparência original, e o perfume estava morrendo no ar.

“Venha,” disse a Princesa de repente, “já estamos aqui há tempo suficiente. Minha tia vai ficar aflita. Vamos até ela.”

Ela liderou o caminho para fora da sala, e Hilary a seguiu. Em outro momento, eles estavam em uma grande sala de estar, inundada de sol e perfumada com flores; a tia da princesa estava ocupada com sedas que ela havia emaranhado enquanto bordava; a princesa estava de joelhos ao lado dela, segurando um novelo de seda amarela em suas mãos. Hilary ficou um momento completamente perplexa. Ele estava sonhando? Aquele quarto escuro e sua atmosfera terrível eram uma fantasia?

Ele havia ficado tempo suficiente, e agora se despedia relutantemente. A princesa, que não faria cerimônia na Garden House, levantou-se dos joelhos e disse que abriria o portão para ele. Hilary corou de prazer com essa demonstração de gentileza.

O portão para onde ela o levou era estreito e ficava em uma cerca densa de arbustos floridos. Quando ele passou, olhou para trás e viu a princesa encostada no portão, emoldurada por flores deslumbrantes. Ela sorriu e estendeu a mão para ele. A riqueza de sua presença o embriagou, e ele perdeu todo o senso do abismo aparentemente intransponível entre eles.

“Você leu as palavras”, ele disse, “e me deu sua mão?”

“Eu li as palavras,” ela respondeu, numa voz suave que o emocionou, “e eu te dou minha mão na sua. Adeus!”

Ela tocou a mão dele por um instante, e agora ela se foi. Hilary se virou para caminhar pelas sebes floridas até a cidade. Mas seu coração, seu pensamento, sua alma permaneceram para trás. Ela leu as palavras, e não estava com raiva. Ela sabia do amor dela e não estava com raiva. Ela leu seu coração e não se ofendeu. O que ele não poderia esperar?

Então veio outro pensamento. Ela tinha lido as palavras. Então aquele quarto preto não era uma fantasia, mas um fato tão real quanto a luz do sol. Quais eram os poderes dessa estranha criatura que ele amava? Ele não sabia; mas sabia que a amava.

* * * * *

Um desejo avassalador o levava diariamente por aquela estrada entre as sebes floridas até a Casa do Jardim. Só às vezes ele tinha coragem de entrar. Na maioria das vezes ele se demorava naquele portão estreito, envolto em flores e olhava ansiosamente por ele. A primeira vez que ele entrou depois dessa visita, na qual seu segredo foi escrito diante de seus olhos, ele encontrou a Princesa parada dentro do portão. Ela estendeu a mão para ele dizendo simplesmente, “Eu sabia que você estava vindo. Eu preparei algo, e eu tenho persuadido minha tia que nada de terrível vai acontecer se você ficar no meu laboratório por um tempo. Então venha comigo.”

Estava brilhantemente iluminada, esta sala de paredes pretas que ela chamava de seu laboratório. O grande recipiente ficava no meio do chão, abaixo da lâmpada, e dele subiam chamas e fumaça. Um perfume forte e vívido enchia o ar, e a parte superior da sala alta estava nublada com fumaça azul-acinzentada, que brilhava na luz como prata.

Na cadeira ao lado dela estava sentada uma figura: era a de uma linda mulher. Uma estranha mistura de emoções dominou Hilary. À primeira vista, ele sentiu que essa figura era a mesma que ele tinha visto no outro dia; à segunda, ele reconheceu sua mãe. Ele correu para ela e percebeu que ela estava sem vida; então ele se virou apaixonadamente para a princesa com raiva e horror em seu rosto.

“O que você fez? O que você fez?” ele gritou.

“Nada”, ela disse, com um sorriso. “Eu não fiz mal algum. Você não vê que isso é apenas uma imagem? Minha figura leiga, como eu lhe disse.”

Ele lançou um longo olhar para a forma inanimada que era uma representação tão perfeita de sua mãe, e então se voltou para a princesa com um olhar de horror mais intenso do que antes.

“O que você está fazendo?” ele perguntou em voz baixa.

“Não faz mal!” ela respondeu levemente. “Sua mãe me odeia e teme. Não posso suportar isso. Estou fazendo com que ela me ame. Estou fazendo com que ela deseje sua presença aqui comigo.”

Por um tempo eles ficaram em silêncio ao lado do recipiente e seu conteúdo em chamas; então, de repente Hilary gritou: “Eu não aguento mais! Ponha fim a esse feitiço terrível!”

“Sim”, disse a princesa, “eu farei isso, mas não com os resultados.”

Ela puxou a tela para a frente da figura sentada e jogou algo no recipiente que apagou a chama instantaneamente.

Então ela levou Hilary para fora da sala, e eles caminharam para cima e para baixo sob as árvores, conversando sobre coisas como os amantes conversam — coisas que interessavam a eles mesmos e a ninguém mais.

Quando Hilary voltou para casa, sua mãe se levantou do sofá e estendeu a mão para ele. Ela o puxou para sentar-se ao lado dela.

“Hilary,” ela disse, “algo me diz que você esteve com a Princesa Fleta. Está tudo bem, e estou feliz. Ela é uma boa amiga para você; pergunte a ela se eu devo ir vê-la.”

Hilary se levantou sem responder. O orvalho estava em sua testa. Pela primeira vez ele estava consciente do medo real, e o medo que sentia era da mulher que amava.

(*Continua* .)

UMA LEI DA VIDA: KARMA.

Não há nada mais comum para aqueles que sabem alguma coisa sobre Teosofia do que ser perguntado: — O que é Karma? Karma é uma palavra sânscrita que tem que ser usada por aqueles que discutem a ideia que ela transmite, simplesmente porque não há uma palavra em inglês que corresponda a ela. Isso é muito fácil de responder. Então vem a pergunta: — Qual é a ideia que ela transmite? Do que isso, não há nada mais difícil de responder, e a razão pela qual esse é o caso não está longe de ser encontrada. Que seja concedido uma vez que a constituição do homem é complexa e complicada, e que a alma existe há eras que parecem uma eternidade, e existiu, além disso, em uma vestimenta de carne que foi alterada milhares de vezes no curso dessas eras. Que isso seja concedido, e, além disso, que nenhuma ação é sem seu efeito nos mundos físico, moral e espiritual, então, será visto, que a resposta à pergunta: "O que é Karma", é muito difícil, se não quase impossível. Ainda assim, algum esforço pode ser feito para dar uma ideia geral, embora os detalhes de qualquer caso individual dificilmente possam ser calculados.

Concedendo o princípio da reencarnação, Karma é o *funcionamento* da grande lei que governa essas encarnações; mas, tomado em seu sentido mais amplo, Karma pode ser definido como uma manifestação do Princípio Divino Único, Universal, no mundo fenomenal. Assim, pode ser definido ainda como "a grande lei da Harmonia" que governa o Universo.

Mas pode-se responder que Harmonia não é a grande lei da Natureza, mas, ao contrário, falta de harmonia e discórdia. E que prova há de que Harmonia é a lei?

Quando tal prova é necessária, a resposta é imediatamente feita: — Uma visão muito curta da vida e do universo foi tomada. O homem que nega a existência de harmonia no universo transgrediu a lei e está sofrendo a punição. Ele faz isso inconscientemente para si mesmo, porque a lei da harmonia forma um impulso inconsciente para seu reajuste quando é quebrada. Nenhuma ilustração melhor pode ser dada do que na definição de uma fuga, que é: — "Uma composição musical em estilo contrapontístico, na qual um assunto é proposto por uma parte e então respondido pelas outras de acordo com certas regras." Novamente, em acordes musicais, as notas da composição, se tomadas em pares e trios, serão encontradas em desacordo, mas, quando tomadas em conjunto, produzem uma harmonia. A harmonia é então a adaptação justa das coisas umas às outras, e o universo, o elemento pessoal do homem sendo eliminado, é essencialmente uma evidência de harmonia; caso contrário, não poderia existir, pois cairia em pedaços e não ser mais um universo. Para aqueles que encontram apenas discórdia ao seu redor, a nota da Regra 5, na segunda parte de "Luz no Caminho", pode transmitir um significado. Nenhuma outropalavra pode expressá-lo melhor. Uma razão para a aparente desarmonia pode ser dada. Os desejos do homem são, como regra, devotados ao ganho do que pode ser chamado de sua personalidade. Enquanto tal é o caso em qualquer homem, com a exclusão de outros interesses, esse homem não pode mergulhar fundo em seu próprio coração e perceber a real harmonia subjacente. Ele é incapaz de entender ou mesmo de percebê-lo, porque sua atenção é devotada unicamente àquilo que produz discórdia. Naturalmente, então, para ele todas as coisas parecem desarticuladas, o reino da discórdia está sempre presente, e ele clama perpetuamente contra a injustiça do mundo em que vive. Mas se ele apenas desviar sua atenção de sua personalidade para o maior período de sua vida, e se esforçar primeiro para ver evidências de harmonia naqueles ao seu redor e então em si mesmo, ele encontrará essa harmonia; e seu caminho será esclarecido para ele.

Concedendo, então, que é a Grande Lei da Harmonia ou Karma que governa o Universo, e que é o princípio Divino sob um aspecto manifestado na Natureza, então é fácil entender que qualquer ação em violação das leis da Natureza produzirá um desvio da linha reta da harmonia; conseqüentemente, a lei da harmonia produzirá um efeito de ajuste. Agora, quem deve produzir esse efeito? A Natureza ou o homem que cometeu a ação? Ambos, ou melhor, o último sob a influência do primeiro. O último certamente, a menos que o homem seja considerado simplesmente um fantoche cego. É possível comparar a situação à de um homem cujo progresso depende de um equilíbrio exato sendo preservado em um par de

balanças à sua frente. Se suas ações perturbam o equilíbrio dessas balanças e adicionam peso a um lado ou outro, é necessário imediatamente adicionar um peso de contrapeso no lado oposto e assim restaurar o equilíbrio ou a harmonia. (É claro que esta é uma ilustração física, e dificilmente pode ser levada muito longe no plano moral.) Isto é, o princípio Divino é dividido pelas ações do homem em duas forças opostas do bem e do mal, e o progresso do homem depende do esforço de sua vontade para preservar a harmonia e evitar desvios para um lado ou outro. O mal só existe em contradição com o bem, e a preservação de tal harmonia como temos e o avanço em direção à Harmonia Universal — a divindade abstrata — é o que todas as pessoas de mente certa teoricamente aspiram.

Pensou-se que, em consequência da atenção dada aos clássicos na educação, a palavra Nêmesis substituiria Karma com vantagem. Então talvez pudesse ter feito, se as primeiras tradições da mitologia grega tivessem sido preservadas. Mas a tendência fatal para o antropomorfismo se estabeleceu muito fortemente mesmo nos dias de glória da Grécia, e em consequência Nêmesis apenas retratou a personificação de uma paixão humana. Originalmente o poder de equilíbrio, independente de Zeus e todos os deuses olímpicos, que executavam seus decretos, Nêmesis tornou-se simplesmente a divindade vingadora; tanto era esse o caso que, em um sentido geral, ela poderia ter sido chamada de divindade tutelar daqueles invejosos da felicidade do próximo. Entre esses pontos, Nêmesis aparece como a personificação da reverência moral pela lei, do medo natural de cometer uma ação errada e, portanto, a personificação da consciência. Foi depois desse período que Nêmesis foi dito que dirigia os assuntos humanos, com vistas a restaurar o equilíbrio entre felicidade e infelicidade. Mas, em tempos anteriores, a ideia de Nêmesis era dividida naquelas de *Nêmesis* e *Adrasteia* (ou o que os orientistas chamariam de Karma bom e mau), pois mesmo então a ideia do mal estava começando a ser anexada a Nêmesis.

Mas Nêmesis estava intimamente ligada tanto às *Moirae* (Destinos) quanto às *Eumênides* (Fúrias), que eram todas filhas de Zeus e da Noite. As *Moirae* aparecem geralmente como divindades do destino em um sentido estrito, e agem independentemente no comando da necessidade. Elas dirigem o destino, e observam que o destino atribuído a cada ser *por leis eternas* siga seu curso (*Aesch : Prometheus Vincitus*, 511-515). Zeus, assim como deuses e homens, se submete a elas. Elas atribuem suas funções próprias às Erinias que infligem a punição, e às vezes são chamadas de suas irmãs (*Aesch : Eumen* : 335, 962; *Prometheus* 516, 696, 895). Estas últimas sempre foram consideradas mais antigas do que os deuses olímpicos, e portanto não estavam sob o governo de Zeus, embora o honrassem e estimassem. Os crimes que elas especialmente puniam eram (1), violação do respeito devido à velhice; (2), perjúrio; (3), assassinato; (4), violação da lei da hospitalidade; (5), conduta imprópria para com os suplicantes; e a punição era infligida não apenas após a morte, mas durante a vida. (É um tanto curioso que esses “crimes” também sejam aquelas ações que acarretam o Karma mais pesado.) Nenhuma oração, sacrifício ou lágrima poderiamovê-los ou proteger o objeto de sua perseguição. Quando temeram que ele escapasse, eles chamaram *Dikê* para ajudá-los, com quem estavam intimamente ligados, pois a justiça era considerada seu único objetivo.

Agora, quando o significado de todas essas divindades gregas “menores” é considerado, e ainda mais, se for considerado em conexão com a definição de Karma, será visto que todas são tantas personificações das principais divisões da lei da antiga Nêmesis ou Karma. Mas uma palavra não pode, na estimativa popular, substituir a outra; pois, como dito acima, Nêmesis perdeu seu significado original e é quase invariavelmente associada à ideia de vingança. Karma, no entanto, nunca perdeu sua conexão essencial com a lei da Harmonia, embora mesmo neste caso haja alguma tendência a confiná-lo à lei de causa e efeito, e a considerar o que é chamado de Karma maligno apenas em relação à vida humana. Isso é quase inevitável, enquanto a personalidade humana ocupa o lugar mais importante na consideração de cada homem, e seu próprio bem-estar, no tempo e na eternidade, é o objetivo de sua esforços. Como dito acima, enquanto este for o caso, o homem não pode considerar as grandes leis do Universo, nem reconhecer a si mesmo como parte dele, e assim sua vida está confinada ao mundo dos efeitos, e nunca pode entrar no das causas. Assim, é a ignorância da lei da Harmonia que o leva a lutar em vão, neste mundo, pela vantagem aparente de superar seu vizinho, e — pior — a instintivamente levar a luta além da morte, e tentar avançar em favor no chamado reino celestial.

Este é o resultado da doutrina perniciosa de recompensa e punição após a morte, no céu ou no inferno. Nada poderia ter sido encontrado mais calculado para circunscrever a visão da vida como um todo e concentrar a atenção do homem em questões temporárias. É inevitável que o homem considere sua alma como algo moldado após sua personalidade emluta e muito semelhante a ela; e essa visão de sua personalidade não foi calculada para concordar com a elevação das ideias sobre a alma. Deste ponto de vista, ele rejeitou a ideia de alma como totalmente inútil ou então transferiu seu interesse para o bem-estar da almano Céu — em ambos os casos concentrando sua atenção no que é inevitavelmente transitório. É como se um homem perdesse de vista o fato da respiração em suas partes componentes de inspiração e expiração; isto é, que uma respiração é tomada como o todo, e os milhões de outras respirações no curso de uma vida humana são perdidos de vista e esquecidos. Assim, o homem que adapta sua vida às visões comuns, com relação à vida na Terra e à vida no Céu, fixa seus pensamentos e aspirações no que é transitório, e deseja intensificar isso. Nenhuma palavra mais verdadeira foi dita do que por Cristo quando ele disse: — "De que aproveitará ao homem ganhar o mundo inteiro e perder sua própria alma?" É uma perda que o homem inevitavelmente experimentará se seguir esse curso cegode esforço, pois perderá de vista sua alma *real* completamente, e ele — como *ele*, isto é — nunca a recuperará. Ele segue um fogo-fátuo bruxuleante, e encontra seu caminho apenas em um pântano traiçoeiro; o resultado é que toda essa encarnação é desperdiçada, e uma pedra de tropeço, talvez, colocada no caminho da próxima. Esse perigo é, como dito, devido à negligência ou ignorância da ideia de Karma, e à visão cega consequentemente tomada do grande escopo da vida humana.

No *Theosophist*, de julho de 1887, o Sr. Subba Row lida com a doutrina do Karma conforme contida no Bhagavadgita. Sua palestra contém uma das mais claras elucidações do lado metafísico da questão que é possível colocar em linguagem, no que diz respeito ao aspecto cósmico do Karma. Nela, e nas palestras anteriores, o Sr. Subba Row lidou com três bases ou veículos principais^[13] (estados da matéria) através dos quais a luz do espírito é refletida no mundo fenomenal. Esses veículos, quando rastreados até sua origem, levam a *prakriti*, ou matéria; em oposição a *purusha*, ou espírito.

"Então Krishna diz que todo Karma é rastreável a Upadhi, e portanto a *Prakriti*. O próprio *Karma* depende da existência consciente. A existência consciente depende inteiramente da constituição da mente do homem... *Upadhi* é a causa da existência individual. A própria existência, quero dizer, a existência viva, é, no entanto, rastreável a esta luz (do Logos). Toda a existência consciente é rastreável a ela, e, além disso, quando a inteligência espiritual é desenvolvida, ela brota diretamente dela... Agora é através da ação deste *Karma* que a existência individual faz sua aparição. Por conta deste *Karma* a existência individual é mantida, e é por conta do *Karma* que o homem sofre todas as dores e tristezas da existência terrena. Nascimento, vida e morte, e todos os inúmeros males aos quais a natureza humana está sujeita, são suportados pela humanidade devido a este *Karma* ... Assim, *Karma*, sendo o resultado inevitável de *Prakriti*, e *Prakriti* continuando a existir enquanto você for um ser humano, é inútil tentar se livrar do *Karma* ... Quando você renuncia a este desejo (desejo de fazer Karma que não seja por um senso de dever), *Karma* se tornará cada vez mais fraco em sua capacidade de afetá-lo, até que finalmente você chegue a uma condição na qual você não é afetado pelo *Karma* de forma alguma, e essa condição é a condição de *Mukti*."^[14]

"Aqueles filósofos que querem rejeitar todo o *Karma* fingem renunciar a ele completamente. Mas essa é uma tarefa impossível. Nenhum homem, enquanto for um ser humano, pode desistir completamente do *Karma*. Ele é pelo menos obrigado a fazer aquilo que a mera existência de seu corpo físico requer, a menos que, de fato, ele pretenda morrer de fome, ou de outra forma colocar um fim prematuro à sua vida."

"Supondo que você desista do *Karma* — isto é, abstenha-se dele em ação, como você pode manter o controle sobre suas próprias mentes? É inútil abster-se de um ato e, ainda assim, estar constantemente pensando nele. Se você chegar à resolução de que deve desistir do *Karma*, você deve necessariamente concluir que não deve nem pensar sobre essas coisas. Sendo assim, vamos ver em que condição vocês se colocarão. Como quase todos os nossos estados mentais têm alguma conexão com o mundo fenomenal e estão de alguma forma conectados com o *Karma* em suas várias fases, é difícil entender como é possível para um homem desistir de todo o *Karma*, a menos que ele possa aniquilar sua mente ou entrar em um estado eterno de *Sushupti* (sono *sem sonhos*). Além disso, se você tem que desistir de todo o *Karma*, você tem que desistir do bom *Karma*, bem como do mau, pois o *Karma*, em seu sentido mais amplo, não se limita a más ações. Se todas as pessoas do mundo desistirem do *Karma*, como o mundo existirá? Não é provável que um fim seja então posto a todos os

bons impulsos, a todos os feitos patrióticos e filantrópicos, que todas as pessoas boas, que têm se esforçado e estão se esforçando para fazer ações altruístas para o bem de seus semelhantes, sejam impedidas de trabalhar? Se você convocar todos a desistirem do *Karma*, você simplesmente criará uma série de drones preguiçosos e impedirá que pessoas boas beneficiem seus semelhantes.”

“E, além disso, pode-se argumentar que esta não é uma regra de aplicabilidade universal. Quão poucos existem no mundo que podem desistir de todo o seu *Karma* e reduzir-se a uma condição de eterna inatividade. E se você pedir a essas pessoas que sigam este curso, elas podem, em vez de desistir do *Karma*, simplesmente se tornarem pessoas preguiçosas e ociosas, que realmente não desistiram de nada. Qual é o significado da expressão, desistir do *Karma*? Krishna diz que ao se abster de fazer uma coisa pode haver os efeitos do *Karma* ativo, e no *Karma* ativo pode não haver resultados cármicos reais. Se você mata um homem, é assassinato, e você é responsabilizado por isso; mas suponha que você se recuse a alimentar seus velhos pais e eles morram em consequência de sua negligência, você quer dizer que não é responsável por esse *Karma*? Você pode falar da maneira mais metafísica que quiser, você não pode se livrar do *Karma* completamente.”

“Levando em consideração todas essas circunstâncias e admitindo as muitas consequências nefastas que se seguirão como resultado da recomendação de cada ser humano a abandonar o *Karma*, Krishna acrescenta tudo o que pode ser encontrado no ensinamento que faz do Logos o meio de salvação, e recomenda ao homem — se ele deseja obter a imortalidade — um método pelo qual ele certamente alcançará, e não um que possa terminar em ter que passar por outra encarnação, ou ser absorvido por outro ser espiritual cuja existência não é imortal.”

“A recomendação de praticar e obter autodomínio, Krishna aceita. Mas ele acrescentaria a ela meios mais eficazes de obter o fim desejado — meios suficientes em si mesmos para permitir que você alcance esse fim. Ele ressalta que essa prática de autodomínio não é útil apenas para o treinamento em um nascimento, mas é provável que deixe impulsos permanentes na alma de um homem que vêm em seu socorro em futuras encarnações.”...

“Krishna, ao recomendar seu próprio método, combina tudo o que é bom nos cinco sistemas, e adiciona a eles todos aqueles meios necessários para obter a salvação que seguem como inferências da existência do Logos, e sua relação real com o homem e com todos os princípios que operam no cosmos. O dele é certamente mais abrangente do que qualquer uma das teorias das quais essas várias escolas de filosofia partiram, e é essa teoria que ele está tentando, nos segundos seis capítulos do *Bhagavad Gita* (Inglês), para inculcar.”

Na palestra citada acima, o Karma foi considerado em seu aspecto cósmico e universal, mas nenhuma tentativa foi feita para considerá-lo em seu aspecto individual, conforme aplicado às várias grandes seções do Ser neste planeta. A primeira abordagem a isso é vista no reino animal. Sem dúvida, os reinos mineral e vegetal estão sob a lei da Harmonia com a Natureza; não poderia ser de outra forma, pois eles estão mais próximos do que é conhecido como natureza e muito menos individualizados. Mas há tão pouca individualização nesses reinos que dificilmente é possível considerá-los em relação à lei da harmonia, ou à de Causa e Efeito no plano da objetividade. Mas para qualquer um que tenha pensado sobre a questão, é claro que o reino animal, em seus indivíduos, pelo menos está sob a lei de causa e efeito. Isso pode ser praticamente chamado de funcionamento do Karma no plano físico e por alguns tem sido chamado de lei da Compensação, sendo este um termo expressivo de energia mecânica e física. A palavra Karma seria melhor mantida para expressar o funcionamento da lei da harmonia naquele plano onde a responsabilidade moral começa, e onde “a lei da compensação pode ser modificada pela vontade e razão”, e onde, portanto, mérito e demérito pessoal existem. Para citar um artigo no Theosophist sobre o Karma dos animais:—

“Um pedaço de ferro é atraído por um ímã sem que haja qualquer desejo no assunto. Se for exposto ao ar e à água, pode enferrujar e não pode evitar isso. Uma planta ou uma árvore pode ser reta ou torta por conta de circunstâncias sobre as quais não tem controle. Um animal geralmente segue os instintos de sua natureza sem qualquer mérito ou demérito por isso, uma criança ou um idiota pode, sorrindo, chutar uma lâmpada que pode incendiar uma cidade inteira; a causa terá seu efeito, mas a criança ou o idiota não podem ser responsabilizados por isso, porque não têm inteligência suficiente para controlar totalmente suas ações ou julgar sobre as consequências. Uma pessoa só pode ser responsabilizada de acordo com sua capacidade de perceber a justiça e distinguir entre o bem e o mal. O poder de discriminar adequadamente é um atributo da mente humana, e quanto mais desenvolvida essa mente for, mais ela se torna responsável pelos efeitos que causa. produz. Um gato pode matar um rato ou um boi chifrar um homem; e responsabilizá-los moralmente por isso seria um ato de injustiça, crueldade e estupidez. Se um cão pode ou não ter razão suficiente para incorrer em qualquer responsabilidade

moral é uma questão de opinião, e nenhuma afirmação ou negação enfática decidirá o caso: mas é razoável supor que um cão, embora possa ter razão suficiente para saber o que é bom ou ruim para si mesmo ou para aqueles a quem está ligado, não tem responsabilidade moral.”

Assim, embora os animais possam estar sob a lei da compensação, e sob a lei da harmonia ou Karma, eles *não estão* sob a lei da compensação, ou a lei da harmonia ou Karma da mesma forma que se aplica aos seres humanos. Com a humanidade, um novo elemento foi introduzido — o poder intelectual, de raciocínio e de discriminação. Consequentemente, enquanto a lei universal da harmonia ou Karma governa todo o Universo, a lei da Harmonia deve ser aplicada ao Universo como um todo, e suas manifestações, as leis do Karma e da Compensação, devem ser aplicadas ao homem e ao animal, respectivamente.

É mais possível, talvez, considerar a questão em relação aos vários graus da humanidade, até onde podemos conceber isso e eles. Seria melhor começar com o mais alto e prosseguir para baixo.

Todos os teosofistas, e muitos que não são, ouviram falar de Mahatmas, e muitos especularam muito erroneamente sobre eles. Nesta revista, e neste artigo, pode ser possível escrever sobre eles sem desrespeito, *porque* somente por meio dessas especulações é possível entender a lei da harmonia e sua relação com o homem como Karma, e com a divindade como harmonia. A palavra Karma, conforme limitada acima, não se aplica ao Mahatma.

“Olhando apenas para o eterno, o Mahatma não sente nem bem nem mal, nem bem ou mal lhe vêm. Pessoalmente, ele não pode sofrer nem se alegrar, e é incapaz de emoção, porque é indiferente às circunstâncias. Mas à medida que se desenvolve, suas simpatias aumentam, até que finalmente suas simpatias entram em todos os seres, e com eles ele se alegra e sofre até que eles também passem além do senso de alegria ou dor.”

“Eles não têm Karma bom ou mau. A glória, a boa fortuna e a felicidade vão para os homens bons que buscam alegrias temporárias. O Karma produz prazer ou dor pela ordenação das circunstâncias. O Mahatma não sente prazer e dor, e não é afetado pelas circunstâncias, portanto ele é sem Karma. A lei de causa e efeito é chamada apenas de Karma quando se refere a circunstâncias temporárias e mutáveis. Os atos do Mahatma geram energia espiritual que vai criar o poder que será seu quando ele não for mais homem, e consequentemente formar um fator eterno em seu futuro; assim, o Mahatma, sendo sem desejo pessoal, está fora da operação da lei do Karma.”

Em sua condição real, ele está em harmonia com a Natureza, e seu agente, e, portanto, fora do Karma. Seu corpo físico, no entanto, ainda está dentro de seus limites de ação. Mas para ele, isso é uma questão muito pequena.

ARCHIBALD KEITHLEY , MB

(*Continua .*)

O MISTÉRIO DE TODOS OS TEMPOS.

A luz interior que guia os homens à grandeza e os torna nobres é um mistério através de todos os tempos e deve permanecer assim enquanto o Tempo durar para nós; mas há momentos, mesmo no meio da vida comum, quando o Tempo não tem poder sobre nós, e então todas as circunstâncias da existência externa desaparecem, e nos encontramos cara a cara com o mistério além. Em grandes problemas, em grande alegria, em grande excitação, em doença séria, esses momentos vêm. Depois, eles parecem muito maravilhosos, olhando para trás.

O que é esse mistério, e por que ele é tão velado, são as perguntas candentes para qualquer um que tenha começado a perceber sua existência. O problema mais frequentemente desperta os homens para a consciência dele, e os força a fazer essas perguntas quando aqueles, a quem amou mais do que a si mesmo, são levados para o abismo informe do desconhecido pela morte, ou são mudados, pelas experiências da vida, até que não sejam mais reconhecíveis como os mesmos; então vem a fome selvagem por conhecimento. Por que é assim? O que é isso, que nos cerca com uma grande nuvem escura na qual todas as coisas amadas mergulham no tempo e são perdidas para nós, obliteradas, completamente tiradas de nós? É isso que torna a vida tão insuportável para as naturezas emocionais, e que desenvolve o egoísmo em corações estreitos. Se não há certeza e nenhuma permanência na vida, então parece ao egoísta, que não há curso razoável senão cuidar dos próprios assuntos, e se contentar com a felicidade da primeira pessoa do singular. Há muitas pessoas suficientemente generosas em temperamento para desejar que os outros também fossem felizes, e que, se vissem alguma maneira de fazê-lo, alegremente reparariam alguns dos males existentes — a miséria dos pobres, o mal social, os sofrimentos dos doentes, a tristeza daqueles que foram desolados pela morte — essas coisas fazem o filantropo sentimental estremeecer ao pensar. Ele não age porque pode fazer tão pouco. Ele pegará uma criança miserável e lhe dará conforto quando milhões estarão suportando o mesmo destino quando essa estiver morta? A crueldade inexorável da vida continuaem seu curso gigante, e aqueles que nascem ricos e saudáveis vivem em lugares agradáveis, com medo de pensar nos horrores que a vida guarda dentro de si. Perda, desespero, dor indizível, chegam finalmente, e aquele que até agora foi afortunado estão mesmo nível daqueles a quem a miséria foi familiarizada por uma vida inteira de experiência. Pois os problemas mordem mais forte quando surgem em uma nova vítima. É claro que há naturezas profundamente egoístas que não sofrem neste sentido, que buscam apenas o conforto pessoal e se contentam com o pequeno horizonte visível à vista de uma pessoa; para estas, há poucos problemas no mundo, não há não é nenhuma das dores apaixonadas que existem nas naturezas sensíveis e poéticas. O artista nato está ciente da dor assim que está ciente do prazer; ele reconhece a tristeza como parte da vida humana antes que ela tenha tocado a sua. Ele tem uma consciência inata do mistério das eras, aquela coisa que se agita dentro da alma do homem e que o capacita a sobreviver à dor e se tornar grande, que o leva no caminho para a vida divina. Isso lhe dá entusiasmo, um heroísmo soberbo indiferente à calamidade; se ele é um poeta, ele escreverá com o coração, mesmo para uma geração que não tem olhos ou ouvidos para ele; se ele deseja ajudar os outros pessoalmente, ele é capaz de dar a própria vida para salvar uma criança miserável de um milhão de miseráveis. Pois não é seu insignificante esforço pessoal no mundo que ele considera — nem sua pequena demonstração de trabalho feito; o que ele está consciente é do desejo avassalador de trabalhar com as forças benéficas da supernatureza, de se tornar um com o mistério divino, e quando ele pode esquecer o tempo e as circunstâncias, ele está cara a cara com esse mistério. Muitos imaginaram que devem alcançá-lo pela morte; mas ninguém voltou para nos dizer que é assim. Não temos provas de que o homem não

seja tão cego além do túmulo quanto é deste lado dele. Ele entrou no pensamento eterno? Se não, o mistério ainda é um mistério.

Para alguém que está entrando no ocultismo a sério, todos os problemas do mundo parecem subitamente aparentes. Há um ponto de experiência em que pai e mãe, esposa e filho, tornam-se indistinguíveis, e quando não parecem mais familiares ou amigáveis do que uma companhia de estranhos. O mais querido de todos pode estar próximo e inalterado, e ainda assim está tão longe como se a morte tivesse se interposto. Então, toda distinção entre prazer e dor, amor e ódio, desapareceu. Uma melancolia, mais aguda do que aquela sentida por um homem em sua primeira experiência feroz de pesar, ofusca a alma. É a dor da luta para quebrar a concha na qual o homem se aprisionou. Uma vez quebrada, não há mais dor; todos os laços são rompidos, todas as demandas pessoais são silenciadas para sempre. O homem se forçou a encarar o grande mistério, que agora não é mais um mistério, pois ele se tornou parte dele. É essencialmente o mistério das eras, e estas não têm mais nenhum significado para ele, para quem o tempo, o espaço e todas as outras limitações são apenas experiências passageiras. Tornou-se para ele uma realidade, profunda, de fato, porque é sem fundo, ampla, de fato, porque é ilimitada. Ele tocou na grandeza da vida, que é sublime em sua imparcialidade e generosidade sem esforço. Ele é amigo e amante de todos os seres vivos que vêm dentro de sua consciência, não apenas de um ou dois escolhidos

— o que é, de fato, apenas um egoísmo ampliado. Enquanto um homem retém sua humanidade, é certo que um ou dois escolhidos lhe darão mais prazer pelo contato, do que todos os outros seres no Universo e todas as hostes celestiais; mas ele tem que se lembrar e reconhecer o que é essa preferência. Não é uma coisa egoísta que tem que ser esmagada, se o amor é o amor que dá; a liberdade de apegos não é uma condição meritória em si. A liberdade necessária não é daqueles que se apegam a você, mas daqueles a quem você se apega. A frase familiar do amante "Eu não posso viver sem você" deve ser palavras que não podem ser proferidas, para o ocultista. Se ele tiver apenas uma âncora, as grandes marés o levarão para o nada. Mas a preferência natural que deve existir em cada homem por algumas pessoas é uma forma das lições da Vida. Pelo contato com essas outras almas, ele tem outros canais pelos quais penetrar no grande mistério. Pois cada alma o toca, mesmo a mais escura. A solidão é uma grande professora, mas a sociedade é ainda maior. É tão difícil encontrar e tomar a parte mais elevada daqueles que amamos, que na própria dificuldade da busca há uma educação séria. Percebemos ao fazer esse esforço, muito mais claramente o que é que cria o mistério em que vivemos e nos torna tão ignorantes. São os desejos oscilantes, vibrantes e incansáveis da alma animal no homem. A vida dessa parte da natureza do homem é tão vigorosa e fortemente desenvolvida a partir das eras durante as quais ele habitou nela, que é quase impossível acalmá-la para obter contato com o espírito nobre. Essa vida constante e confusa, essa ocupação incessante com as ninharias da hora, essa prontidão na emoção superficial, essa rapidez em ser agradado, divertido ou angustiado, é o que confunde nossa visão e embota nossos sentidos internos. Até que possamos usar isso, o mistério permanece em seu silêncio esfinge.

Quando a unidade pensa somente em si mesma, o todo, que é construído de unidades, perece, e a própria unidade é destruída.

Assim é em toda a natureza em todos os planos da vida. Esta, portanto, é a primeira lição a ser aprendida.

O que o *verdadeiro* ocultista busca não é conhecimento, nem crescimento, nem felicidade, nem poder para si mesmo; mas tendo se tornado *consciente* de que a harmonia da qual ele faz parte está quebrada no plano externo, ele busca os meios para resolver essa discórdia em uma harmonia superior.

Essa harmonia é Teosofia — Sabedoria Divina ou Universal — a raiz de onde surgiram todas as “religiões”, isto é, todas; “laços que unem os homens”, que é o verdadeiro significado da palavra religião.

Portanto, a Teosofia não é *uma* “religião”, mas a religião em si, a própria “união dos homens” em uma Fraternidade Universal.

AS QUATRO NOBRES VERDADES DO BUDISMO.

Quando um homem imerso na escuridão da civilização moderna desperta, ainda que ligeiramente, para o vazio de sua vida cotidiana, ele se torna sensível a um sentimento de desespero, pois ele é mentalmente levado face a face com o que lhe parece ser um destino sem sentido, mas cruel. Agora, para qualquer um em tais circunstâncias, nenhuma fonte mais verdadeira de consolo e encorajamento pode ser oferecida do que aquela que pode ser encontrada em uma consideração adequada das “Quatro Nobres Verdades” do Budismo. Mas dar essa consideração adequada às Verdades, ou mesmo promover até mesmo uma investigação preliminar sobre sua natureza não é de forma alguma uma tarefa fácil, porque as ideias fundamentais que elas incorporam dificilmente têm vitalidade na geração atual; mais ainda, elas envolvem, na maior parte, uma inversão completa de máximas comumente aceitas como axiomáticas no pensamento atual.

É, no entanto, na esperança de fazer algo para elucidar o assunto que a presente exposição é tentada.

A primeira Nobre Verdade se relaciona ao sofrimento humano. Ela proclama que a vida consciente, separada, da existência individual necessariamente implica dor, tristeza e miséria; que enquanto um homem sente que é possuído por um *eu isolado*, ou enquanto ele considera a si mesmo e seus semelhantes como *personalidades separadas*, tendo interesses antagônicos ou mesmo independentes, por tanto tempo ele deve sofrer e estar sujeito a problemas, tristeza e decepção.

Esta primeira Nobre Verdade dá expressão a um aspecto de uma lei inexorável de aplicação universal, uma lei de cujas operações nenhum homem pode, escapou ou escapará, até que tenha aprendido e compreendido no sentido mais pleno as quatro Nobres Verdades.

A primeira Verdade também pode ser expressa assim: a existência individual necessita e envolve mudança de estado, seja ela manifestada como nascimento, crescimento, decadência ou morte, e todas as mudanças de estado são acompanhadas de dor de uma forma ou de outra em algum plano do ser; enquanto aqueles que parecem aos seus próprios olhos ter escapado da dor, ou aqueles que imaginam que outros escapam dela, estão igualmente iludidos, pois todos os homens são tomados por ela cedo ou tarde.

A segunda Nobre Verdade lida com a causa da dor e explica parcialmente seu significado. De acordo com esta Verdade, é o desejo ou sede pela continuação da vida individual, com suas várias sensações e experiências, que constitui a verdadeira base de todo sofrimento, qualquer que seja a forma externa que possa assumir e a qualquer plano de consciência que possa pertencer. Esta sede pela vida, chamada na língua sânscrita *Tanha* dá origem na mente do homem a uma crença ilusória na *permanência* e *realidade* dessa personalidade separada, que, de acordo com o budismo, nada mais é do que um modo efêmero de existência individual; além disso, leva-o a supor que os numerosos estados mentais que, em seu conjunto, constituem a personalidade, são, em si mesmos, *reais*; e daí cresce essa crença enraizada na realidade absoluta dos múltiplos objetos dos sentidos, e esse anseio por sua posse, esse anseio insaciável pelo aprimoramento e pela multiplicação das experiências associadas a esses objetos.

A segunda Verdade, como a primeira, apresenta um aspecto da lei universal já mencionada.

Esta lei, cujo nome sânscrito é *Karma*, é o poder governante e controlador, ordenando toda a existência individual e em virtude do qual *Tanha* opera.

A terceira Nobre Verdade anuncia o fato de que, à medida que o homem individual se fortalece em conhecimento espiritual e caridade, então *Tanha* é gradualmente dissolvido, e há para ele uma conseqüente cessação de tristeza e dor. A individualidade

se tornando proporcionalmente libertada da escravidão do Karma, Tanha é de fato um complemento bastante necessário do crescimento incipiente do homem, pois representa o poder *criativo* que força a individualidade através dos estágios iniciais de seu desenvolvimento, ainda, enquanto desempenha esta função mais útil, sendo de fato indispensável para a natureza inferior do homem, Tanha, ao mesmo tempo, forja aqueles grilhões cármicos dos quais o eu espiritual luta desesperadamente para se libertar.

À medida que a natureza espiritual do homem evolui, a energia criativa inconsciente, na forma de Tanha, é gradualmente substituída pelos poderes recém- desenvolvidos do eu superior, a *vontade* se torna cada vez mais completamente associada ao espírito, enquanto o próprio homem, dotado de verdadeira Fé, verdadeira Esperança e verdadeiro Amor, se torna um colaborador consciente da Vontade Universal ou Macrocósmica, o "Grande Construtor".

A quarta Nobre Verdade nos assegura que há um caminho pelo qual todos os homens podem, se apenas escolherem, realizar rapidamente esse deslocamento de Tanha pelo Amor verdadeiro; esse caminho é chamado de Nobre Caminho Óctuplo que leva à iluminação.

Assim: — 1. Crença fundamental correta, *ou seja*, a base correta mental e espiritualmente sobre a qual estabelecer o conhecimento verdadeiro. 2. Intenção correta, *ou seja*, boa vontade para com tudo o que vive, simplicidade de propósito, correção e pureza de motivo. 3. Fala correta, *ou seja*, o uso de linguagem adequada, gentilmente temperada, justa e proveitosa; paciente, mas vigorosa; atenciosa, corajosa, honesta e criteriosa. 4. Comportamento correto, *ou seja*, filantropia ativa. 5. Meios corretos de subsistência, *ou seja*, emprego honesto e útil do próprio tempo, prestando atenção adequada às próprias necessidades materiais e ajudando os outros a fazerem o mesmo, mas sem se importar com o amanhã. 6. Esforço correto, *ou seja*, colocar o coração em suas trabalho. 7. Solidão correta, *isto é*, autocontida e harmoniosa dentro de. 8. Meditação Correta. Este é o *Yoga* Sânscrito e significa união com o divino pela prática da contemplação da realidade do ser. É o resultado de um esforço sustentado para concentrar a mente na lei universal, eterna e imutável da vida; o primeiro estágio de tal concentração toma a forma de uma revisão imparcial ou pesquisa de todos os pensamentos, ações, desejos, sensações e experiências de um ponto de vista completamente impessoal. Este Caminho Óctuplo tem quatro estágios representando diferentes graus de avanço em direção ao estado de Buda ou o estado de iluminação perfeita. O verdadeiro Buda ou Tathâgata é aquele que atingiu a emancipação final da existência individual, cujo espírito purificado é libertado do último vestígio de Tanha, aquele sobre quem o Karma não tem mais poder, pois ele alcançou Para Nirvana, o *Eterno*, o Ser Absoluto.

RUA SÃO JORJE-FOX.

O ÚLTIMO DE UM BOM LAMA.—O que quer que se diga contra o budismo sem Deus, sua influência, onde quer que penetre, é muito benéfica. Encontra-se o Espírito do "Senhor Buda... o mais lamentável, o Professor do Nirvãa e da Lei," enobrecendo até mesmo a menos filosófica das seitas dissidentes de sua religião—o Lamáismo dos nômades Kalmucks. As Estepes do Cáspio testemunharam, há apenas alguns meses, a solene cremação e sepultamento de um santo mongol, cujas cinzas foram regadas por tantas lágrimas cristãs quanto lamaicas. O sumo sacerdote dos Calmucks russos do Volga morreu em 26 de dezembro de 1886, perto de Vétlyanka, outrora sede das mais terríveis epidemias. Os Ghelungs escolheram o dia da cerimônia de acordo com seus livros sagrados; a hora foi fixada astrológicamente, e ao meio-dia de 4 de janeiro de 1887, a cerimônia imponente ocorreu. Mais de 80.000 pessoas reunidas de todas as *stanitzas* cossacas vizinhas e *ooloosses* Calmuck formaram uma procissão em torno do pilar da cremação. O cadáver, tendo sido fixado em uma poltrona de ferro, usada em tais cerimônias, foi introduzido no pilar oco, as chamas sendo alimentadas com suprimentos de manteiga fresca. Durante toda a queima, a multidão nunca parou de chorar e lamentar, os russos sendo os mais violentos em suas expressões de tristeza e com razão. Por longos anos, o falecido Lama foi um pai gentil para todos os pobres do país, fossem cristãos ou lamaistas. Vilas inteiras de proletários foram alimentadas, vestidas e seus impostos eleitorais pagos com sua própria

renda privada. Sua propriedade em pastagens, gado e dízimos era muito grande, mas o Lama estava sempre precisando de dinheiro. Com sua morte, os pobres coitados, que mal conseguiam manter a alma em seus corpos, não têm outra perspectiva senão a fome. Assim, as lágrimas dos cristãos eram tão abundantes, se não tão altruístas, quanto as dos pobres pagãos. Apenas no ano anterior, o bom Lama recebeu 4.000 rublos de um *oolooss* (acampamento) Calmuck e deu tudo para reconstruir uma aldeia russa incendiada, e assim salvou centenas da morte por fome. Ele nunca foi conhecido durante sua longa vida por recusar qualquer homem, mulher ou criança, em necessidade, seja pagão ou cristão, privando-se de todo conforto para ajudar seus semelhantes mais pobres. Assim morreu o último dos Lamas da hierarquia sacerdotal enviado para os Calmucks de Astrakhan de além da "Cordilheira Nevada" há cerca de sessenta anos. Uma história vergonhosa é contada sobre como um peregrino cristão viajante impôs ao bom Lama. O Lama havia lhe confiado 30.000 rublos para serem colocados na cidade vizinha; mas o peregrino cristão desapareceu, e o dinheiro com ele.

O NASCIMENTO DA LUZ.

Traduzido de Eliphaz Levis "Dogme et Rituel de la Haute Magie".

O "Lúcifer" dos cabalistas não é um anjo proscrito e caído, mas o espírito que ilumina e regenera pelo fogo; ele é para os anjos da paz o que o cometa é para as constelações pacíficas da primavera.

A estrela fixa é bela, radiante e calma; ela bebe os aromas do Céu e olha amorosamente para suas irmãs; vestida com suas vestes deslumbrantes e sua testa adornada com diamantes, ela sorri enquanto canta seu hino matinal e noturno; ela desfruta de um repouso eterno que nada pode perturbar e solenemente trilha o caminho que lhe foi designado entre as sentinelas da luz.

Mas o cometa errante, todo manchado de sangue e com suas tranças soltas, avança das profundezas do céu; ele atravessa a trilha das esferas pacíficas como uma carruagem de guerra rompendo as fileiras de uma procissão de vestais; ele ousa enfrentar a espada ardente dos guardiões do sol e, como uma esposa perdida que busca parceiro visionado em suas solitárias vigílias noturnas, ele força seu caminho até o tabernáculo do Rei do Dia.

Então ela sai correndo, exalando os fogos que a consomem e deixando em seu rastro uma longa conflagração; as estrelas empalidecem diante de sua aproximação, as constelações arrebanhadas, que pastam sobre as flores estreladas nos vastos prados do céu, parecem fugir de seu terrível hálito. O grande conselho das estrelas é convocado, e a consternação universal reina. Por fim, a mais bela das estrelas fixas é encarregada de falar em nome do concurso celestial e propor uma trégua com o mensageiro errante.

"Minha irmã", ela diz, "por que perturbas a harmonia dessas esferas? Que mal te fizemos, e por que, em vez de vagar ao acaso, não assumas, como nós, tua posição estabelecida na Corte do Sol? Por que não te juntas a nós para cantar o hino da noite, vestida, como nós, com um manto branco preso acima do peito por um diamante puro? Por que permites que tuas tranças, pingando suor de fogo, flutuem sobre os vapores da noite? Se ao menos tomasses teu devido lugar entre as filhas do Céu, quão mais adorável seria teu semblante! Teu rosto não seria mais queimado pela fadiga de tuas jornadas inauditas; teus olhos brilhariam claros, e tuas feições sorririam com os tons de lírio e rosa, como os de tuas irmãs felizes; todas as estrelas reconheceriam em ti uma amiga, e longe de temer teu trânsito, eles se alegrariam com tua aproximação. Pois tu estarias unido a nós pelos laços indissolúveis da harmonia universal, e tua existência pacífica seria apenas uma voz a mais no hino do Amor Infinito."

Mas o cometa responde:

"Não julgue, minha irmã, que eu poderia me desviar ao acaso e perturbar a harmonia das esferas. Deus traçou para mim meu caminho, como o seu para você, e semeou curso parece incerto e errático para você, é porque seus raios não podem alcançar tão longe a ponto de abraçar os contornos da grande elipse que me foi dada para minha carreira. Minhas tranças em chamas são a bandeira de Deus; eu sou a mensageira dos Sóis, e eu me banho em seus fogos para que eu possa distribuí-los em meu caminho para aqueles mundos jovens que ainda não têm calor suficiente, e para as estrelas em declínio que tremem em sua solidão. Se eu cortejo a fadiga em minhas longas jornadas, se minha beleza é menos suave que a sua, se meu traje menos virginal, eu não sou menos que você uma filha digna do céu. Deixe em minhas mãos o terrível segredo do meu destino, deixe para mim o horror que me cerca, e não me calunie se você não pode me entender. Não obstante, cumprirei minha tarefa designada. Felizes as estrelas que descansam e brilham como jovens rainhas no imponente concurso do Universo; para mim, sou expulso, um andarilho, e reivindicado o Infinito como minha única pátria. Eles me acusam de incendiar os planetas que aqueço e de aterrorizar as

estrelas que ilumino. Sou censurado por perturbar a harmonia dos mundos, porque não giro em torno de seus próprios pontos fixos e porque os prendo um ao outro, colocando meu rosto sozinho em direção ao único centro de todos os Sóis. Então fiquetranquilo, tu estrela mais bela, não te privarei de um raio de tua luz tão pacífica; pelo contrário, desperdiçarei em ti meu calor e minha própria vida. Quem sabe, mas posso desaparecer do céu quando tiver me consumido? Minha sorte ainda terá sido nobre! Pois saiba que no Templo de Deus os fogos que queimam não são todos um. Vós soisa luz das tochas douradas, mas eu, a chama do sacrifício. Que cada um cumpra seu próprio destino!”

Mal pronunciando suas palavras, o cometa sacode suas tranças, cobre-se com seu escudo em chamas e mergulha mais uma vez no espaço infinito, onde parece desaparecer para sempre.

É assim que Lúcifer aparece e desaparece nas alegorias da Bíblia.

Um dia, assim diz o livro de Jó, os filhos de Deus se reuniram na presença de seu Senhor, e entre eles veio Lúcifer.

O Senhor lhe disse: “De onde vens?”

E ele respondeu:

“Eu viajei pelo mundo e viajei por ele.”

É assim que um evangelho gnóstico, redescoberto no Oriente por um viajante culto, explica, ao tratar do Lúcifer simbólico, a gênese da Luz.

“A Verdade que é consciente de si mesma é o Pensamento vivo. A Verdade é o Pensamento que está contido em si mesma; e o Pensamento formulado é a Fala. Quando o Pensamento Eterno buscou uma *forma*, ele disse: 'Haja Luz.' Portanto, este Pensamento que fala é a *Palavra*, e esta Palavra diz: 'Haja Luz, porque a própria palavra é a luz do *espírito* .”

A luz incriada, que é o Verbo divino, envia seus raios porque deseja se manifestar e, quando diz: “Haja luz”, ordena que os olhos se abram; ela cria as *Inteligências*.

E quando Deus disse: “Haja luz”, a Inteligência foi criada e a luz apareceu.

Então, a Inteligência que Deus havia exalado, como um planeta separado do Sol, tomou a forma de um esplêndido Anjo e os céus o saudaram com o nome de Lúcifer.

A inteligência despertou e sondou suas próprias profundezas ao ouvir esta apóstrofe da Palavra divina: "Haja Luz". Ela se sentiu livre, pois Deus havia ordenado que assim fosse, e respondeu, levantando a cabeça e abrindo suas asas: "Eu não serei Escravidão".

“Queres então ser Tristeza?” disse a voz incriada.

“Eu serei a Liberdade”, respondeu a Luz.

“O orgulho te seduzirá”, respondeu a voz suprema, “e tu darás à luz a Morte”.

“Eu preciso lutar contra a Morte para conquistar a Vida”, disse mais uma vez a luz criada.

Deus então desatou de seu seio o fio de esplendor que continha o espírito soberbo e, enquanto o via mergulhar na noite, abrindo nela um caminho de glória, amou o filho de seu pensamento e, sorrindo com um sorriso inefável, murmurou para si mesmo: “Quão bela era esta Luz!”

E a Tristeza foi a condição imposta ao ser livre. Se o chefe dos anjos não tivesse ousado confrontar as profundezas da noite, o trabalho de Deus não teria sido completo, e a luz criada não poderia ter se separado da luz não revelada.

Talvez Lúcifer, ao mergulhar na noite, tenha atraído consigo uma chuva de estrelas e sóis *pela atração de sua glória* ? * * * * *

UM VERDADEIRO TEOSÓFICO.

Uma grande maioria das pessoas não tem a mínima ideia sobre Teosofia, e consideram os Teosofistas como membros mais ou menos loucos de uma nova seita. Eles naturalmente negam qualquer superioridade a uma nova seita entre tantas, e afirmam que, como um número considerável de seitas foram “testadas na balança e consideradas deficientes”, esta não é melhor do que suas predecessoras. Os Teosofistas — os verdadeiros — só podem responder que não são sectários e não são superiores a ninguém. Eles acreditam que encontraram um bom caminho para a descoberta da verdade, e desejam compartilhar sua descoberta — se é que pode ser assim chamada — com os outros.

A própria suposição de superioridade seria uma contradição em termos do próprio nome. Mas, ao dar essa negação enfática com referência ao nome “Teosofista”, nenhuma tentativa é feita para afirmar que todos os membros da Sociedade Teosófica também são Teosofistas. Verdade, de fato, que quando eles entram naquela sociedade, eles subscrevem regras e declaram que seus objetivos são tais que, se eles os realizassem completamente, nenhum outro nome além de Teosofistas seria aplicável. Nem o nome implica que, nos estudos que os Teosofistas fazem seus, é necessário queo único e melhor lugar seja dado aos estudos da filosofia oriental. Isso novamenteseria uma contradição, pois foi afirmado mais enfaticamente que “há aqueles que são ignorantes da sabedoria oriental” que estão mais próximos da sabedoria divina do que alguns que dedicaram suas vidas inteiras aos estudos orientais. É novamente a velha história de que “a letra mata, mas o espírito dá vida”.

Ainda que se mantenha a afirmação de que o estudo da sabedoria oriental é apenas um caminho entre muitos, é necessário lembrar a analogia que a filologia pode apresentar aqui à “religião”. Assim como a filologia traça todas as línguas até uma raiz comum — o sânscrito ou melhor, o pré-sânscrito —, as religiões do mundo também podem ser traçadas até uma raiz e local de nascimento comuns, idênticos ao berço e local de nascimento da raça humana, que a etnologia localiza nos altos planaltos da Ásia Central. Ásia. Portanto, o estudo da filosofia oriental tem algo a ser destacado em seu favor especial, porque essa filosofia tem seu lar mais próximo da fonte da religião da sabedoria do que qualquer outra.

Ainda mais deve ser tido em mente, que os membros da Sociedade Teosófica não são necessariamente Teosofistas, pois um número muito considerável é atraído meramente pelo nome e pela curiosidade. Eles ou não entendem o que professam, ou se entendem, não o praticam. Mas isso não é uma tentativa de ir contra o provérbio, que a árvore é conhecida por seus frutos, embora haja alguma injustiça nisso. isto. Tudo o que é afirmado é que, se esse argumento for usado contra uma Sociedade com objetivos e aspirações como a Sociedade Teosófica, ele pode ser usado com efeito ainda mais terrível contra *todas* as religiões, sejam elas cristãs, muçulmanas, budistas, etc. A verdadeira razão pela qual isso aconteceu está em poucas palavras — o cultivo do indivíduo; e, como resultado posterior disso, no antropomorfismo. São apenas aqueles indivíduos que podem “agarrar firmemente toda a sua individualidade” e, pela força de sua “vontade espiritual desperta, alcançar a vida além da individualidade” — são apenas eles que podem se livrar da maldição que gradualmente se espalhou por todo o mundo. É em consequência desse crescimento do individualismo que as “bênçãos da civilização” se tornaram a maldição da humanidade, e toda religião, originalmente altruísta, se inverteu, e o reinado do anticristo e da hipocrisia substituiu de Cristo e da verdade. Nenhuma acusação abrangente é feita contra o mundo inteironesta declaração. Um véu escuro e nebuloso foi jogado sobre a face da Verdade, e é como se vissemos tudo fora do foco principal de uma lente e, conseqüentemente, sob plena fê de que vemos a imagem real, percebemos a imagem invertida. Na época de Elizabeth, por exemplo, os homens aprenderam a cultivar o indivíduo dentro do círculo da raça e a tentar se unir em patriotismo para o benefício daquela raça ou império. Mas é uma tentativa vã, e os efeitos dissociativos dessa cultura logo serão